

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Escala de Afeto e Comunicação na Relação Pais-Filhos: Estudo das Propriedades Psicométricas em Famílias Com e Sem Risco Psicossocial Associado

Diana Sousa Martins

M

2021



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Escala de Afeto e Comunicação na Relação Pais-Filhos: Estudo das Propriedades
Psicométricas em Famílias Com e Sem Risco Psicossocial Associado**

Diana Sousa Martins

Outubro 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Margarida Rangel Henriques** e coorientada pela Doutora **Ana Catarina Canário** (FPCEUP).

Avisos Legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Informação adicional

A presente dissertação utiliza dados secundários do projeto de investigação com o título “Sucesso de reunificação familiar após a institucionalização da criança: Avaliação da eficácia de uma intervenção de parentalidade positiva (REUNIRmais)”, coordenado pela Doutora Ana Catarina Canário e pela Professora Doutora Orlanda Cruz, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/SOC-ASO/31727/2017).

Como colaboradora deste projeto de investigação durante o ano letivo 2020/2021, tive a oportunidade de participar na entrada dos dados da Escala do Afeto respondida por pais e crianças nos diferentes momentos de avaliação.

Agradecimentos

À minha mãe, por me ter transmitido valores cruciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e por puxar sempre por mim. Obrigada por me teres dado a oportunidade de estudar, de conhecer, de explorar e de viver a aventura da minha vida. É realmente um orgulho ser tua filha. Agradecer-te por tanto nunca será suficiente.

Aos meus avós, por serem os amores da minha vida. Por me terem mostrado o verdadeiro amor, pela Família que me deram, pelos valores, pelos exemplos e, principalmente, por demonstrarem diariamente o quando me amam.

À minha família, por serem o meu porto-seguro, o meu abraço-casa, por me fazerem sor(rir) em todos os momentos da minha vida, por me apoiarem em tudo e por me incentivarem a ser sempre melhor. Obrigada por estarem sempre lá, nunca vos trocaria por nada, Amo-vos.

Ao meu namorado, por me mostrar que tudo é possível, basta que o queiramos muito. Por me apoiar nos momentos mais difíceis, por festejar comigo as pequenas e grandes vitórias, pelas sextas reparadoras aos domingos, por todos os crepes de chocolate e morangos da ‘Monalisa’ e pelas idas constantes à praia nas alturas de maior *stress*. Que possamos viver o resto da vida mergulhados em amor, paz e felicidade. Obrigada por tudo, meu amor bom.

Aos meus amigos – em especial, à Juinha, à Gabi, à Semguito, à Rutezona, à Cardi, ao David, ao Zé, à Célia, ao Bruno, à Cris, à Márcia, à Camps, ao Joel, à Daniela, ao Golden, à Ellen, ao Esteves, ao Toni e à Maré –, por me levantarem sempre a cabeça, por serem a família que escolhi, por me fazerem chorar de tanto rir, por me limparem as lágrimas quando necessário, pelos cafés, pelas festas de pijama, pelos incríveis jantares, pelas noites de copos, pelas viagens pela Europa, mas, acima de tudo, por me mostrarem que, passe o tempo que passar, são vocês a constante na minha vida.

À Professora Doutora Margarida Rangel Henriques, pela sua dedicação, esforço, enormíssimo conhecimento, apoio e, principalmente, por acreditar em mim. Por me presentear ao longo de cinco anos com vivências, experiências e sabedoria incomparáveis. Obrigada por me ter ajudado a ultrapassar, com sucesso, todos os obstáculos e pelas

palavras de apoio e encorajamento, cruciais para a finalização desta etapa. Estou-lhe muito grata.

À Doutora Ana Catarina Canário, pela excelente profissional e pessoa que é. Por todo o apoio, calma e profissionalismo. Pelo humanismo que tão bem a descreve, pelo sorriso tão peculiar no quadradinho de todas as reuniões via *Zoom* e pelo olhar sorridente que nenhuma máscara é capaz de esconder.

À Diana Neves Teixeira, pela grande ajuda ao longo destes dois anos. Foste imprescindível à realização deste trabalho e, acima de tudo, ao meu bem-estar físico e emocional ao longo do mesmo. Espero um dia conseguir retribuir toda a ajuda que tão carinhosamente me deste.

Ao grupo de investigação *Webs of Meaning*, por todo o apoio, pela confiança, por me acompanharem e ajudarem ao longo do processo de realização deste estudo e por estarem todas as segundas-feiras de manhã prontos a trabalhar e a contribuir de forma tão grandiosa para a investigação e a prática clínica.

Às Aldeias de Crianças SOS de Gulpilhares, por me terem feito crescer ao nível profissional e pessoal, por me terem feito parte integrante de uma verdadeira Equipa e por me permitirem a experiência de amar cada criança, deixando-me um bocadinho nelas e levando-as um bocadinho comigo. Em especial, ao Doutor Tiago Gama, por me (des)orientar, por me ter ensinado tanto e por me presentear com a sua bonita amizade e companheirismo. Foram nove bonitos meses.

Aos dragões, por me deixarem sentir a garra, a força, a pertença e o amor. Por me acolherem nestes cinco anos e por me fazerem sentir em casa. Somos os mais bonitos, mais queridos e, sem sombra de dúvida, os mais barraqueiros, como não poderia deixar de o ser.

Aos meus colegas de casa, em particular ao Alex, ao Pesi, ao Bruno, à Débora, à Cris, ao Miguel e à Ana Luiza, pelas conversas, jantares ou partilha das mais diversas histórias. Foram a minha família durante estes anos e que bonito foi.

À cidade do Porto, por me ter deixado mergulhar no seu encanto, conhecer as suas pessoas e os seus lugares e por ser a minha casa durante estes maravilhosos anos.

A todos sem exceção, este trabalho é também vosso. Nunca teria chegado até aqui sem vocês! Muito Obrigada!

Resumo

A qualidade das interações pais-filhos é determinante para o desenvolvimento da criança e bem-estar das famílias. A exposição a um contexto de risco psicossocial, por oposição a um contexto sem riscos, pode influenciar a expressão da comunicação afetiva na interação pais-filhos, contribuindo para variações entre o elevado afeto e proximidade e a ausência de empatia e rejeição em famílias de diferentes contextos.

Considerando a necessidade de utilizar ferramentas sólidas e fidedignas para avaliar a expressão da comunicação afetiva na relação pais-filhos, o presente estudo teve como objetivos avaliar as propriedades psicométricas (estrutura fatorial, invariância da medida, e validade convergente) das versões para pais e filhos da Escala do Afeto, e comparar as percepções de Afeto-Comunicação (AC) e Crítica-Rejeição (CR) entre famílias do grupo de risco (GR) e do grupo de “não-risco” (GNR). Participaram no estudo 103 crianças e 113 mães no GR, e 104 crianças e 151 pais no GNR.

Os resultados identificaram uma estrutura fatorial de 2 fatores para cada versão da Escala do Afeto revista – pais e filhos – e invariância parcial da medida, demonstrando que os grupos avaliam os constructos de forma diferente. Não foram identificadas diferenças entre os grupos ao nível dos fatores AC e CR, tanto entre as crianças, como entre as mães.

Estes resultados têm implicações para a prática e investigação psicológica no contexto nacional, ao disponibilizar um instrumento que permite avaliar a percepção da relação junto da criança e dos pais a respeito do Afeto e Comunicação, e Crítica e Rejeição na relação.

Palavras-chave: Escala do Afeto (EA), Afeto-Comunicação, Crítica-Rejeição, Relação Pais-Filhos, Crianças, Adolescentes, Análise Fatorial Confirmatória, Invariância da Medida, Famílias em Risco Psicossocial.

Abstract

The quality of parent-child interactions is determinant for child development and family well-being. Exposure to a psychosocial risk context, as opposed to a risk-free context, may influence the expression of affective communication in parent-child interactions, contributing to a range of expressions between high affection and closeness to lack of empathy and rejection in families from different contexts.

Considering the need for using solid and reliable tools to assess the expression of affective communication in parent-child relationships, the current study aimed to 1) assess the psychometric properties (factor structure, measurement invariance, and convergent validity) of the versions for parents and children of the Affect Scale; and 2) compare the perceptions of affection-communication (AC) and criticism-rejection (CR) between families from the risk group (RG) and the “no-risk” group (NRG). The study involved 103 children and 113 mothers in the RG, and 104 children and 151 fathers in the NRG.

The results identified a 2-factor structure for each version of the revised Affect Scale – parents and children – and partial measurement invariance of the measure, revealing that the groups assessed the constructs differently. No differences were found between groups regarding the factors AC and RG, both in the sample of children, and in the sample of mothers.

These results have implications for psychological practice and research in the national context by providing an instrument that allows assessing the perception of the relationship from both the child and the parents regarding affection and communication, and criticism and rejection.

Keywords: Affect Scale (AS), Affection-Communication, Criticism-Rejection, Parent-Child Relationship, Children, Adolescents, Confirmatory Factor Analysis, Measurement Invariance, Families at Psychosocial Risk.

Résumé

La qualité des interactions parent-enfant est déterminante pour le développement de l'enfant et le bien-être de la famille. L'exposition à un contexte de risque psychosocial, par opposition à un contexte sans risque, peut influencer l'expression de la communication affective dans les interactions parent-enfant, contribuant à une gamme d'expressions allant d'une affection et d'une proximité élevées à un manque d'empathie et à un rejet dans des familles de contextes différents.

Compte tenu de la nécessité d'utiliser des outils solides et fiables pour évaluer l'expression de la communication affective dans les relations parents-enfants, la présente étude visait à 1) évaluer les propriétés psychométriques (structure factorielle, invariance de la mesure et validité convergente) des versions pour parents et enfants de l'échelle Affect ; et 2) comparer les perceptions de l'affection-communication (AC) et de la critique-rejet (CR) entre les familles du groupe à risque (GR) et du groupe "sans risque" (GSR). L'étude a porté sur 103 enfants et 113 mères du GR, et sur 104 enfants et 151 pères du GSR.

Les résultats ont permis d'identifier une structure à deux facteurs pour chaque version de l'échelle révisée des affects - parents et enfants - et une invariance partielle de la mesure, révélant que les groupes ont évalué les construits différemment. Aucune différence n'a été constatée entre les groupes concernant les facteurs AC et GR, tant dans l'échantillon d'enfants que dans l'échantillon de mères.

Ces résultats ont des implications pour la pratique et la recherche en psychologie dans le contexte national en fournissant un instrument qui permet d'évaluer la perception de la relation de l'enfant et des parents en ce qui concerne l'affection et la communication, et la critique et le rejet.

Mots-clés: Échelle d'affection, Affection-Communication, Critique-Rejet, Relations parents-enfants, Enfants, Adolescents, Analyse factorielle confirmatoire, Invariance de mesure, Familles à risque psychosocial.

Lista de Abreviaturas

AFC – Análises Fatoriais Confirmatórias

EA – Escala do Afeto

EA – P – Escala do Afeto – Versão preenchida pelos Pais

EA – F – Escala do Afeto – Versão preenchida pelos Filhos

AC – Afeto-Comunicação

CR – Crítica-Rejeição

GR – Amostra de famílias do Grupo de Risco Psicossocial

GNR – Amostra de famílias do Grupo de Não-Risco Psicossocial

CPCJ – Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

SDQ – Questionário de Capacidades e de Dificuldades

ISP – Índice de Stress Parental

APQ – Questionário Parental de Alabama

COMPA – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

PHSCS – 2 – Escala de Autoconceito para Crianças de Piers-Harris – 2ª versão

QEEP-r – Questionário dos Estilos Educativos Parentais revisto

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	3
1. Comunicação Familiar, Afeto e Comportamento Parental.....	3
2. Teoria da Troca de Afetos (AET).....	4
3. Dinâmicas Familiares em Famílias em Risco Psicossocial	5
Método.....	8
1. Participantes	8
2. Instrumentos	10
3. Procedimentos de recolha de dados.....	14
4. Plano analítico	15
4.1. Plano Analítico do Objetivo 1.....	15
4.2. Plano Analítico do Objetivo 2.....	16
Resultados.....	17
1. Propriedades psicométricas da <i>Escala do Afecto</i> (Fuentes et al., 1999): avaliação das estruturas fatoriais, da invariância da medida comparando as famílias do GR e GNR, e da validade dos construtos.....	17
1.1. Resultados preliminares	17
1.2. Avaliação da Estrutura Fatorial da Escala do Afeto	18
1.2.1 Escala do Afeto - Pais.....	18
1.2.2. Escala do Afeto - Filhos	19
1.3. Avaliação da invariância da medida da estrutura fatorial da Escala de Afeto (pais e filhos) comparando os grupos de famílias de Risco e os grupos de famílias de Não-Risco.....	21
1.3.1. Escala do Afeto - Pais.....	21
1.3.2. Escala do Afeto - Filhos	22
1.4. Validade dos Construtos indicados pelas Escalas	23
1.4.1. Escala do Afeto – Pais	24
1.4.2. Escala do Afeto – Filhos.....	26
2. Avaliação da percepção dos pais e dos filhos quanto ao fator AC entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR	28
Discussão	30
Conclusão	34
Referências bibliográficas	36
Anexos.....	42
Anexo 1	43
Anexo 2	44
Anexo 3	45
Anexo 4	46

Índice de Tabelas

Tabela 1. Número de Participantes do Estudo correspondente ao Objetivo 2.	10
Tabela 2. Estatísticas Descritivas por Item da Escala do Afeto – Pais.....	17
Tabela 3. Estatísticas Descritivas por Item da Escala do Afeto - Filhos	18
Tabela 4. Índices de Ajustamento das Análises Fatoriais Confirmatórias da Escala de Afeto – Pais	19
Tabela 5. Índices de Ajustamento das Análises Fatoriais Confirmatórias da Escala de Afeto - Filhos.....	20
Tabela 6. Índices de Ajustamento para a Análise Fatorial Confirmatória multigrupos da Escala do Afeto - Pais.....	22
Tabela 7. Índices de Ajustamento para a Análise Fatorial Confirmatória multigrupos da Escala do Afeto - Filhos	23
Tabela 8. Correlações Bivariadas de Pearson entre os Fatores das Escala do Afeto revista preenchida pelos Pais, os Fatores do SDQ, os Fatores do ISP, os Fatores do APQ e os Fatores do COMPA-P.....	25
Tabela 9. Correlações Bivariadas de Pearson entre os Fatores das Escala do Afeto Revista preenchida pelos Filhos relativamente à Mãe e ao Pai, os Fatores da Escala de Autoconceito, os Fatores do QEEP-r, os Fatores do COMPA-C e do COMPA-A.....	27
Tabela 10. Diferenças Multigrupos (GR vs GNR) nos Resultados Médios dos Fatores da Escala do Afeto – Mães e Filhos.	29

Índice de Figuras

Figura 1. Estrutura Fatorial da Escala do Afeto – Pais (modelo 2).....	19
Figura 2. Estrutura Fatorial da Escala do Afeto – Filhos (modelo 2)	20

Introdução

A família, sendo “qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo (...) e destino comum” (OMS, 1994, as cited in Alarcão & Gaspar, 2007, p.90) ou um “conjunto de indivíduos unidos por um conjunto de relações, num continuum de relação com o exterior, mantendo o seu equilíbrio durante todo o processo de desenvolvimento percorrido através dos diversos fases de evolução (Sampaio & Gameiro, 1985), é um lugar privilegiado para a aprendizagem de dimensões significativas da interação e, como tal, um enquadramento relacional importante para o desenvolvimento do ser humano. Independentemente da sua configuração, uma família desenvolve-se ao longo do tempo cumprindo um conjunto de tarefas inerentes ao Ciclo Vital Familiar e tendo, simultaneamente, subjacente as funções de proteção e promoção de autonomia dos diferentes membros que a constituem, para o seu desenvolvimento saudável (Alarcão & Gaspar, 2007; Relvas, 1996).

Aquando do nascimento de um filho, a família, sendo um contexto primordial para o seu desenvolvimento, assume especial relevância na criação de vínculos que, de acordo com a Teoria da Vinculação, são a base de segurança e proteção que proporcionam a existência humana, visto que é a partir dos cuidados de alguém, como a mãe, o pai ou cuidadores, que o ser humano encontra a base para o seu desenvolvimento (Bowlby, 1979), tornando-se a relação construída com o primeiro cuidador uma base sobre a qual todos os vínculos posteriores se desenvolverão. Desta forma, a qualidade, a segurança e a estabilidade desses laços, irão influenciar fortemente o bem-estar emocional dos indivíduos ao longo da vida (Gomes & Melchiori, 2012). Por sua vez, sendo as relações diádicas pai-filho bidirecionais, existe uma reciprocidade no desenvolvimento de ambos os elementos da díade, ao que se somam a influência de fatores externos, como a cultura ou o nível socioeconómico (Bronfenbrenner, 1986; Costa et al., 2021).

A família tem, ainda, um peso significativo no favorecimento do processo de socialização dos filhos, através da transmissão de valores, normas, crenças e comportamentos considerados culturalmente adequados (Gallarín & Alonso-Arbiol, 2012), sendo vários os estudos que confirmam que as características das relações familiares têm impacto no desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos (Fosco & Feinberg, 2018; Mosmann et al., 2017, 2018).

O exercício da parentalidade e o seu impacto no desenvolvimento infantil tem vindo a mobilizar investigadores por todo mundo na sociedade contemporânea (Paraventi et al., 2018). De entre os temas menos estudados neste âmbito, assume particular relevância a expressão comunicacional afetiva na qualidade da relação entre pais e filhos, particularmente importante não só para o desenvolvimento das crianças, mas também para o bem-estar da família. Fazendo face a esta limitação, o presente estudo pretende dar um contributo no sentido de disponibilizar uma medida fidedigna para avaliar a expressão comunicacional afetiva nas relações pais-filhos.

Enquadramento Teórico

1. Comunicação Familiar, Afeto e Comportamento Parental

Como seres sociais, precisamos de comunicar, expressar e divulgar as nossas ideias, sentimentos e pensamentos. O processo de comunicação é considerado um processo pelo qual as pessoas negociam e se definem a si mesmas e aos seus relacionamentos, de forma recíproca (Millar & Rogers, 1976). É através da comunicação que os elementos expressam as suas carências, desejos, preocupações e ainda a capacidade de atenção acerca do que os outros pensam e sentem (Sousa, 2005).

Os padrões de comunicação estabelecidos entre os membros de uma família, nos diferentes subsistemas familiares, têm um efeito continuado no desenvolvimento da família, influenciando os membros de diferentes gerações. Assim, os padrões de comunicação positivos influenciam diretamente o desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos, configurando-se como o sistema de socialização mais eficaz para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente (Milanez et al., 2019). A Teoria Geral dos Esquemas de Comunicação Familiar de Koerner e Fitzpatrick (2002) é particularmente útil para examinar a influência dos padrões de comunicação familiar no bem-estar das crianças. A teoria especifica que o comportamento de comunicação familiar opera principalmente a partir de esquemas relacionais para a comunicação, sendo esses inicialmente guiados pela forma como os pais comunicam entre si e com os seus filhos.

Na investigação sobre os padrões de comunicação familiar salientam-se duas dimensões: (1) as orientações de conversa – que descrevem “o grau em que as famílias criam um clima onde todos os membros da família são incentivados a participar em interações ilimitadas sobre diversos tópicos” (Koerner & Fitzpatrick, 2002, p.85) e, consequentemente, são livres para interagir entre si, compartilhando ideias, preocupações e participando na tomada de decisões (Schrodt et al., 2007); – e (2) as orientações de conformidade, definidas como o grau em que a comunicação familiar reforça um clima de homogeneidade de atitudes, valores e crenças (Koerner & Fitzpatrick, 2002).

Dois comportamentos de comunicação parentais que podem potencialmente mediar os efeitos das orientações de conversa e conformidade no bem-estar das crianças são a confirmação dos pais (Ellis, 2002) e o afeto (Floyd et al., 2005; Floyd & Morman, 2003). Ellis (2002) define “confirmação” como um processo interacional que valida o outro como

um ser humano respeitado, reforçando o seu valor, incluindo reconhecer os sentimentos da criança, pedir a sua opinião, participar nas suas atividades e ouvi-la atentamente.

Já Floyd e colaboradores (2005) definiram comunicação afetuosa como aqueles comportamentos que expressam calor emocional e amor a outra pessoa, como o afeto verbal, expresso através de declarações diretas de carinho e amor, o afeto não-verbal, que consiste em comportamentos como dar um abraço ou um beijo, e as atividades de apoio, expressando afeto por meio de atividades compartilhadas.

Deste modo, são diversos os investigadores da comunicação que apoiam a comunicação afetuosa como fundamental para o bem-estar mental e relacional (Hesse et al., 2021), demonstrando que comportamentos de confirmação dos pais e afetuosos são fatores-chave no desenvolvimento social da infância saudável, sendo associados a vários resultados psicossociais em crianças, incluindo autoestima (Ellis, 2002), segurança, aceitação, capacidade de estabelecer e manter relacionamentos íntimos saudáveis (Mikulincer & Shaver, 2020), satisfação com o relacionamento pai-filho (Floyd & Morman, 2000) e satisfação geral com a vida (Queen et al., 2013).

2. Teoria da Troca de Afetos (AET)

A grande maioria da investigação sobre o afeto é baseada na Teoria da Troca de Afetos (AET) (Floyd, 2006; 2019). A AET é composta por cinco postulados e vários subpostulados que visam tanto o lançamento da comunicação afetuosa em termos adaptativos, como o começo da identificação dos fatores biológicos e ambientais através dos quais ela atende às necessidades de evolução imprescindíveis aos seres humanos (Floyd, 2006). Concretamente, o autor argumenta que os comunicadores afetuosos dão mais valor ao companheiro e, conseqüentemente, terão mais oportunidades reprodutivas e criarão filhos que crescerão para se tornarem parceiros potenciais afetuosos e atraentes, resultando, assim, na sobrevivência das espécies. A AET prevê que as pessoas beneficiam não só quando recebem uma comunicação afetuosa, mas também quando comunicam com afeto, sem que a receção e emissão de afeto dependam entre si (Floyd et al., 2005).

Por outro lado, Floyd (2014) definiu “privação afetiva” como um estado em que o indivíduo percebe que os seus níveis de afeto são inferiores ao nível ideal. Num estudo com 509 adultos de diferentes nacionalidades, o autor encontrou associações entre a privação afetiva e a solidão, os estilos de vinculação inseguros, a falta de saúde geral, a dor

crónica, a insatisfação relacional e a dificuldade de proximidade relacional (Floyd, 2016; Hesse & Mikkelson, 2017).

Assim, as práticas educativas familiares, como o afeto, recetividade, supervisão ou disciplina, estão relacionadas com indicadores importantes de desenvolvimento, como o bem-estar físico e emocional, satisfação com a vida, desempenho académico, comportamento altruísta ou comportamento agressivo e anti-social que as crianças exibem para com os pares (De la Torre et al., 2011; Özdemir et al., 2013). Por outro lado, diversas investigações demonstraram que as memórias de crianças com pais como figuras de rejeição têm um efeito negativo sobre a autoestima (Petrowski et al., 2020), a depressão, a ansiedade, o desempenho académico, a competência interpessoal ou os comportamentos agressivos (Teixeira et al., 2006).

Assim, a experiência de ser cuidado de forma afetuosa, associada a sentimentos de ser desejado, tem impacto não só no desenvolvimento psicológico, mas também na maturação fisiológica da criança, no desenvolvimento cerebral e nos processos genéticos (Cole, 2014).

3. Dinâmicas Familiares em Famílias em Risco Psicossocial

O contexto em que a família se insere pode ser determinante no exercício das funções e papéis parentais dificultando ou facilitando a adaptação ao subsistema parental (Bueno et al., 2012). A Parentalidade é definida como o:

Conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos, no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para efeito os recursos de que dispõe dentro da família e fora dela (Cruz, 2005, pp.13).

No entanto, algumas famílias não promovem o bem-estar dos seus membros nem asseguram o seu desenvolvimento adequado (Macedo et al., 2013). É o caso das famílias em situação de risco psicossocial, onde a falta de cuidados por parte dos cuidadores ou mesmo a vivência de abandono, tem implicações no desenvolvimento da criança, podendo apresentar uma interiorização de modelos inseguros de vinculação, falta de conhecimento de regras e normas culturais, refletindo-se consequentemente na autonomia e exploração do meio e contribuindo para uma socialização igualmente comprometida (Sousa, 2005), bem como para um impacto negativo no desenvolvimento da criança.

O conceito “família multiproblemática” demonstra-se mais abrangente, na medida em que não se restringe a um sintoma específico, mas sim a inúmeras disfunções em áreas do funcionamento individual, familiar e social que colocam estas famílias em situações de grande vulnerabilidade (Sousa & Eusébio, 2005). Neste tipo de famílias correm muitas vezes ruturas significativas e reconstituições que se traduzem na modificação e reformulação dos papéis tradicionais e, além disso, pelas suas experiências situam a sua ideologia nos campos da marginalidade, desconfiança e receios (Alarcão, 2006). Além disso, destacam-se várias disfunções nas diferentes áreas do funcionamento, bem como défices de recursos e capacidades para enfrentar, autonomamente, as necessidades da família, conduzindo a uma situação de grande fragilidade para todos os seus membros.

Apesar de não haver um sintoma preciso, existem diversos problemas complexos e crónicos que, de modo muito intenso, afetam de forma diferente um número indefinido de membros da família, causando um estilo relacional caótico e uma tendência para o caos e para a desorganização (Abreu, 2011). Esta desorganização, contudo, é particular em torno de dois aspetos – uma estrutura caótica e uma comunicação disfuncional – onde padrões incongruentes de comunicação verbal e não-verbal são observados, manifestando-se como ambivalência relacional e normalmente ancorados numa história de distúrbios de ligação transgeracional (Sousa & Eusébio, 2005).

Já ao nível da comunicação afetiva, os pais tendem a variar entre dois extremos: num dos pontos apresenta muita qualidade e proximidade; e no outro oposto verifica-se uma total ausência de empatia e interação, dominada pela pobreza de afetos, negatividade, culpabilização e crítica. Igualmente, ambivalência e incongruência definem uma dificuldade em interpretar adequadamente as nuances e implicações de uma mensagem e desenvolver empatia na comunicação. Em situações de resolução de conflitos, os sinais comunicativos tendem a ser interpretados como sinais de rejeição ou abandono (Gómez et al., 2007), uma vez que o estilo de pensamento muito concreto inibe a interpretação de um nível de discurso e de comportamento mais complexos, bem como a ausência de metacomunicação leva à dificuldade na compreensão das mensagens. Sousa (2005) define estas relações como detentoras de uma “escassa nutrição emocional”, e em consequência desta escassez afetiva, os subsistemas parentais e fraternais são condicionados no cumprimento das suas funções.

Embora a parentalidade esteja frequentemente perturbada e aliada a uma conjugalidade regularmente caracterizada pelo conflito, estas famílias criam vivências menos sólidas e tendem a ter maior abertura para a introdução de mecanismos protetores e

transformadores das insuficiências da função parental. Nas famílias multiproblemáticas, o desenvolvimento de comportamentos e atitudes disfuncionais constata-se desde as primeiras etapas do ciclo vital da família (Abreu, 2011; Alarcão, 2006), potenciando a desagregação e desorganização familiar (Abreu, 2011), ocorrendo, neste sentido, uma certa frequência de sentimentos de ineficácia, impotência, solidão, baixa autoestima, expectativas reduzidas e pouca motivação para a mudança, bem como uma diminuta sensação de controlo sobre a sua própria vida, que os torna intolerantes à frustração e a inúmeras atitudes (Pires et al., 2004). Contudo, de um modo geral, é reconhecido que os pais, nas famílias multiproblemáticas, nutrem sentimentos positivos pelos filhos, embora revelem incompetência na execução das tarefas e na prestação de cuidados, justificando-se por não saberem fazer melhor, devido aos próprios não possuírem modelos de referência estáveis e seguros (Sousa & Ribeiro, 2005).

Serviços e redes formais e informais da comunidade são essenciais para apoiar estas famílias. Desta forma, torna-se importante analisar o funcionamento das famílias com menores em risco psicossocial, especificamente, a coesão e a adaptabilidade do sistema familiar (Fuentes et al., 1999).

A escassez de instrumentos de avaliação da qualidade da relação mãe/pai-filho(a) disponíveis para a população portuguesa, justifica a pertinência do presente estudo, que visa facultar um instrumento para a área de investigação da família e parentalidade no panorama português. Assim, o presente estudo tem como finalidade avaliar a perceção dos pais e dos filhos quanto ao afeto e comunicação entre eles e, em específico, comparando as perceções das famílias do grupo de risco (GR), com as perceções das famílias do grupo de não-risco (GNR). Concretamente, o estudo integra dois objetivos: 1) avaliar as propriedades psicométricas da *Escala do Afecto* (Fuentes et al., 1999) para a população portuguesa – traduzida como Escala do Afeto, por Henriques e Corte-Real (2012), nas suas duas versões para pais e para filhos –, avaliando a sua estrutura fatorial, a invariância da medida comparando os grupos de famílias GR e GNR, bem como a validade dos construtos indicados pela escala; e 2) avaliar a perceção dos pais e dos filhos quanto ao afeto e comunicação entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR.

Método

1. Participantes

O estudo das qualidades psicométricas da Escala do Afeto (Fuentes et al., 1999) contou com 471 participantes, incluindo 207 crianças ou adolescentes, 64 díades pai-filho e 198 díades mãe-filho. A amostra integra um *grupo de famílias em situação de risco psicossocial* (GR), sinalizadas pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), com medida de apoio junto dos pais e referenciadas para apoio parental ou familiar em serviços da comunidade ($n = 216$), e um *grupo de famílias que não se encontram em situação de risco sinalizado* (GNR), pertencentes a um nível socioeconómico e cultural diversificado ($n = 255$).

Relativamente ao total de crianças e adolescentes, participaram 207 filhos/as, sendo 111 (53.6%) do sexo masculino, 88 (42.5%) do sexo feminino e 8 (3.9%) sem dados quanto ao sexo, com idades compreendidas entre os 6 e os 17 anos ($M = 10.66$; $SD = 3.28$). A maioria ($n = 91$, 44%) frequentavam o ensino primário, 51 (24.6%) o 2º ciclo, 22 (10.7%) o 3º ciclo, 34 (16.4%) o ensino secundário e 9 (4.3%) sem dados quanto ao seu ano de escolaridade.

O GNR contou com 104 filhos/as, dos quais 53 (51%) eram do sexo masculino e 51 (49%) do sexo feminino, com idades entre os 6 e os 17 anos ($M = 12.21$; $SD = 3.53$). Destes, 31 (29.8%) participantes frequentavam o ensino primário, 20 (19.2%) o 2º ciclo, 19 (18.3%) o 3º ciclo e 34 (32.7%) o ensino secundário. O GR contou com 103 filhos/as, dos quais 58 (56.3%) eram do sexo masculino, 37 (35.9%) do feminino e 8 (7.8%) sem dados sobre o sexo, com idades entre os 6 e os 12 anos ($M = 8.96$; $SD = 1.86$). Destes, 60 (58.3%) frequentavam o ensino primário, 31 (30.1%) o 2º ciclo, 3 (2.9%) o 3º ciclo e de 9 (8.7%) participantes não foi obtida esta informação.

Relativamente aos pais, obteve-se um total de 264 pais, dos quais 58 (22%) eram do sexo masculino, 187 (70.8%) do sexo feminino, e 19 (7.2%) apresentam valores omissos quando ao sexo, com idades compreendidas dos 22 aos 60 anos ($M = 39.53$; $SD = 7.66$). Dos 264 pais, 10 (3.9%) concluíram o ensino primário, 56 (21.2%) o 2º ciclo, 89 (33.8%) o 3º ciclo, 66 (25%) o ensino secundário, 15 (5.6%) licenciatura/pós-licenciatura, 3 (1.2%) um Bacharelato/Doutoramento e 25 (9.5%) não forneceram esta informação. A maioria dos

pais ($n = 164$) encontravam-se empregados (62.1%), 22.7% ($n = 60$) desempregados, 3.8% ($n = 10$) eram domésticos, 3% ($n = 8$) situavam-se na categoria “Outra” e 8.3% ($n = 22$) não responderam. Relativamente ao estado civil, 184 (69.7%) eram casados/viviam em união de facto, 5 (1.9%) eram solteiros, 33 (12.5%) eram divorciados, 29 (11%) eram viúvos e 13 (4.9%) não responderam. Quanto ao contexto familiar, 164 (62.1%) estavam integrados na família original, 25 (9.5%) numa família reconstituída, 40 (15.2%) numa família monoparental, 8 (3%) encontravam-se numa relação amorosa sem coabitação, 13 (4.9%) responderam “Outra” e 14 (5.3%) não responderam. Quanto ao número de filhos, 36 (13.6%) tinham um filho, 133 (50.4%) tinham dois filhos, 57 (21.6%) tinha três filhos, 25 (10%) tinham quatro ou mais filhos e 13 (4.9%) não responderam. Sobre o concelho de residência, 1 (0.4%) encontrava-se em Trás-os-Montes e Alto Douro, 2 (0.8%) na Beira Litoral, 4 (1.5%) na Região Autónoma da Madeira e 257 (97.3 %) Entre Douro e Alto Minho.

O GNR contou com a participação de 151 pais, dos quais 96 (63.6%) eram mães e 55 (36.4%) eram pais, com idades compreendidas entre os 22 e os 60 anos ($M = 42.29$; $SD = 6.59$). Destes participantes, 1 (0.7%) concluíram o 1º ciclo, 25 (16.6%) o 2º ciclo, 51 (33.7%) o 3º ciclo, 51 (33.7%) o ensino secundário, 15 (10.6%) uma licenciatura/pós-licenciatura. Quanto à situação profissional, 129 (85.4%) estavam empregados, 11 (7.3%) desempregados, 8 (5.3%) eram domésticos, 2 (1.3%) responderam “Outra” e 1 (0.7%) não respondeu. Relativamente ao estado civil, 139 (92.1%) eram casados/união de facto e 12 (7.9%) divorciados. Quanto ao contexto familiar, 137 (90.7%) sujeitos constituíam a família original, 4 (2.6%) uma família reconstituída e 10 (6.6%) uma família monoparental. Quanto ao número de filhos, 21 (13.9%) tinham um filho, 99 (65.6%) tinham dois filhos, 26 (17.2%) tinham três filhos e 5 (3.3%) tinham quatro filhos.

O GR contou com a participação de 113 pais, dos quais 102 (90.2%) eram mães, 9 (7.9%) pais, 1 (0.8%) madrastra e 1 (0.8%) padrasto. Relativamente aos pais, 4 (3.5%) eram do sexo masculino, 91 (80.5%) do sexo feminino e 18 (15.9%) apresentaram valores omissos quanto ao sexo, com idades compreendidas entre os 22 e os 54 anos ($M = 35.16$; $SD = 7.20$). Destes participantes, 9 (8%) concluíram o 1º ciclo, 31 (27.5%) o 2º ciclo, 38 (33.6%) o 3º ciclo, 15 (13.3%) o ensino secundário, 2 (1.8%) uma licenciatura/pós-licenciatura e 18 (15.9%) não responderam. Quanto à situação profissional, 35 (31%) estavam empregados, 49 (43.4%) desempregados, 2 (1.8%) eram domésticos, 6 (5.3%) responderam “Outra” e 21 (18.6%) não responderam. Relativamente ao estado civil, 45 (39.8%) eram casados/união de facto, 5 (4.4%) solteiros, 21 (18.6%) divorciados, 29

(25.7%) viúvos e 13 (11.5%) apresentaram valores omissos. Quanto ao contexto familiar, 27 (23.9%) sujeitos constituíam a família original, 21 (18.6%) uma família reconstituída, 30 (26.5%) uma família monoparental, 8 (7.1%) encontravam-se numa relação amorosa sem coabitação e 14 (12.4%) não responderam. Quanto ao número de filhos, 15 (13.3%) tinham um filho, 34 (30.1%) tinham dois filhos, 31 (27.4%) tinham três filhos, 20 (20%) tinham quatro ou mais filhos, e 13 (11.5%) não responderam.

Para a concretização do objetivo 2 – avaliar a percepção dos pais e dos filhos quanto ao Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR –, a amostra contou com os participantes filhos do GR e do GNR com idades compreendidas apenas entre os 6 e os 12 anos e as respetivas mães, pois, uma vez que a faixa etária dos 6 aos 12 anos é a amostra de grande prevalência no GR, pretendemos obter grupos mais comparáveis entre si, sendo tido consideradas as díades com mães de crianças dentro do mesmo limite etário no GNR (ver tabela 1).

Tabela 1

Número de Participantes do Estudo correspondente ao Objetivo 2.

	GNR (n = 113)	GR (n =206)	Total (N=319)
Filhos	56	103	159
Mães	57	103	160

2. Instrumentos

O protocolo de avaliação, apresentado em seguida, foi constituído por questionários de auto e heteroavaliação, incluindo o questionário em estudo “Escala do Afecto” (Fuentes et al., 1999), uma ficha de dados sociodemográficos construída para o efeito e um conjunto de questionários escolhidos para se avaliar a validade convergente. O Questionário do Autoconceito para Crianças de Piers-Harris – 2ª versão (Piers & Herzberg, 2002; Veiga, 2006), o Questionário de Capacidades e de Dificuldades - versão para pais (SDQ) (Fleitlich et al., 2005; Goodman, 1997); o Questionário das Práticas Parentais de Alabama - versão pais (Frick, 1991; Nogueira et al., 2019); e Índice de Stress Parental – versão reduzida (ISP) (Abidin, 1995; Santos, 2008) foram incluídos por integrarem fatores ou escalas que avaliam construtos potencialmente próximos ou relacionados com os construtos avaliados

pelo instrumento em estudo, nomeadamente o Afeto e Comunicação, e a Crítica e Rejeição.

Ficha de dados sociodemográficos, construída para o efeito, teve como objetivo caracterizar e descrever os participantes em estudo, nomeadamente a idade, o sexo, literacia, contexto familiar, caracterização do agregado familiar, entre outros.

Escala do Afeto, de Fuentes e colaboradores (1999), foi traduzida para a população portuguesa por Henriques e Corte-Real (2012), como Escala do Afeto e inclui duas versões. A tradução e retroversão da Escala do Afeto foram asseguradas num estudo realizado por Henriques e Corte-Real (2012), respeitando todos os procedimentos para o efeito (Comissão Internacional de Testes [ITC], 2017). Assim, realizaram-se duas traduções de espanhol para português por tradutores independentes, seguindo-se a retroversão realizada por uma psicóloga espanhola e fluente na língua portuguesa. A tradução e retroversão foram discutidas e comparadas com o questionário original, procurando-se uma equivalência semântica, polissémica e idiomática (Borsa et al., 2012) até se obter a versão final.

Cada versão é composta por 20 itens, e mede, numa escala do tipo Likert de 5 pontos, a relação entre pais e filhos, em dois fatores: “Afeto e Comunicação” e “Crítica e Rejeição”, dos pais em relação aos seus filhos, e dos filhos em relação aos pais. Na versão traduzida, a Escala do Afeto é composta por 19 itens, uma vez que o item 16 da Escala original (“Estou contente de tê-lo como filho/a” e “A minha mãe/o meu pai estão contentes por me ter como filho/a”) não foi incluído, pois a equipa de investigação considerou que estes seriam propensos a uma elevada desejabilidade social, sendo que não acrescentava em relação a outros itens positivos do fator Afeto-Comunicação. As versões traduzidas da Escala do Afeto para pais e para filhos são apresentadas, respetivamente, nos Anexos 1 e 2.

O fator Afeto-Comunicação (AC) mede o afeto, o interesse e a comunicação que os pais manifestam aos seus filhos e o fator Crítica-Rejeição (CR) avalia a crítica, a rejeição e a falta de confiança dos pais em relação aos seus filhos. Cada uma das versões permite calcular um score global, obtido através da subtração dos fatores Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição, que determina o tipo de afeto preponderante na relação.

Dirige-se a adolescentes dos 12 aos 17 anos, assumindo duas versões: uma que avalia a percepção do filho relativamente ao seu/sua pai/mãe (EA-F); e outra que avalia a percepção dos pais em relação aos seus comportamentos com o/a seu/sua filho/a (EA-P). No seu estudo original (Bersabé et al., 2001), os fatores das versões de pais e de filhos apresentaram valores adequados de consistência interna, sendo todos os valores de *Alpha*

de Cronbach superiores a .70, exceto no fator Crítica-Rejeição da EA-P (.66). De igual modo, o estudo original reporta validade convergente na comparação entre os resultados da EA-F com as versões de mães e de pais da EA-P ($r > .71$). No presente estudo, os coeficientes de fidelidade foram considerados aceitáveis para a subescala Afeto-Comunicação (.83) e Crítica-Rejeição (.72) na versão dos pais, bem como na subescala Afeto-Comunicação (.85) e Crítica-Rejeição (.75) na versão preenchida pelos filhos.

Questionário de Capacidades e de Dificuldades - versão para pais (SDQ), de Goodman (1997), traduzido para a população portuguesa por Fleitlich e colaboradores (2005). Destina-se à avaliação de comportamentos, emoções e relações interpessoais de crianças e adolescentes, com idades entre os 4 e os 17 anos. É composto por 25 itens, respondidos numa escala de Likert de 3 pontos e refere-se aos acontecimentos dos últimos seis meses, gerando cinco subescalas – Sintomas Emocionais, Problemas de Conduta, Hiperactividade, Problemas de Relacionamento com os Outros – gerando uma subescala geral de Pontuação Total de Dificuldades - e Comportamento Prossocial. No presente estudo, o coeficiente de fidelidade foi aceitável para a subescala Total de Problemas (.78), Sintomas Emocionais (.71), Hiperatividade (.77), mas não para a Subescala dos Problemas de Comportamento (.54), de Problemas de Relacionamento com os Outros (.35) e de Comportamentos Prossociais (.65). No presente estudo, foi apenas utilizada como variável de resultado a subescala de Total de Problemas que inclui as todas as subescalas exceto a subescala Comportamentos Prossociais.

Índice de Stress Parental (ISP) – versão reduzida, avalia o stress experienciado no exercício da parentalidade (Abidin, 1995; Santos, 2008). É composto por 36 itens com uma escala de resposta de 5 pontos. O instrumento está organizado em três subescalas: Mal-estar Parental, Relação Disfuncional Pais-filho e Temperamento da Criança. A soma das três subescalas permite obter um nível global de stress experimentado pela figura parental. Neste estudo, os valores de consistência interna mostram-se satisfatórios com .81 na subescala Mal-estar Parental, .83 na subescala Relação Disfuncional Pais/filhos e .89 na subescala de Temperamento da Criança.

Questionário Parental de Alabama – versão pais, de Frick (1991), validado para a população portuguesa por Nogueira e colaboradores (2019). Avalia as práticas disciplinares parentais e é constituído por 42 itens respondidos pelos pais de crianças dos 6 aos 13 anos, com uma escala tipo Likert de 5 pontos. O modelo de três fatores, aplicado no presente estudo, contempla o (1) Envolvimento Parental e Parentalidade Positiva; (2) Disciplina Ineficaz e Punição Corporal; e (3) Pobre Monitorização/Supervisão (Nogueira et

al., 2019). No presente estudo, os valores de consistência interna foram considerados aceitáveis, com .88 para o Envolvimento Parental e Parentalidade Positiva, com .76 no fator Supervisão e Monitorização, mas não aceitável para o fator Disciplina Inconsistente e Punição Corporal (.69). Como tal, este último fator não foi incluído como uma variável de resultados no estudo atual.

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA), de Portugal e Alberto (2010). Avalia as percepções sobre os padrões de comunicação entre progenitores e filhos através de uma escala de tipo Likert com 5 pontos e é composta por três versões: uma versão para pais/ mães (COMPA – P), uma versão para filhos entre os 7 e os 11 anos (COMPA – C) e uma versão para filhos entre os 12 e os 16 anos (COMPA – A), todas utilizadas no presente estudo. O COMPA – A tem 39 itens distribuídos por 5 subescalas: Disponibilidade Parental para a Comunicação (.97); Partilha/Confiança de filhos para progenitores (.91); Expressão Afetiva/Suporte Emocional (.89); Metacomunicação (.92); e Padrões Negativos de Comunicação (.77). O COMPA-C é composto por 16 itens distribuídos por duas subescalas: Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos (.85) e Expressão do Afeto e Apoio Emocional (.86). No presente estudo, os coeficientes de fidelidade apresentados foram considerados aceitáveis. O COMPA – P é composto por 44 itens distribuídos por cinco subescalas: Expressão Afetiva/Suporte Emocional (.86); Metacomunicação (.71); Partilha/Confiança de progenitores para filhos (.76); e Partilha/Confiança de filhos para progenitores (.74). Estes coeficientes de fidelidade foram considerados aceitáveis para as subescalas descritas no presente estudo, mas não para a subescala Disponibilidade Parental para a comunicação (.49), de tal forma que esta não foi incluída como uma variável de resultados do estudo.

Escala de Autoconceito para Crianças de Piers-Harris – 2ª versão (PHCSCS – 2), de Piers e Herzberg (2002), validado para a população portuguesa por Veiga (2006). Avalia o autoconceito de crianças e adolescentes com idades entre os 7 e os 18 anos, através de 60 itens, com resposta Sim/Não, organizados em 6 fatores: Aspeto Comportamental; Estatuto Intelectual e Escolar; Aparência e Atributos físicos; Ansiedade; Popularidade; Satisfação e Felicidade – e permite obter uma pontuação para cada um dos fatores, bem como uma pontuação global. No estudo apresentado, o coeficiente de fidelidade foi estimado através do Kuder Richardson 20 (KR20) por apenas ter dois itens de resposta, apenas sido considerado aceitável para a subescala Ansiedade (.74), mas não para as subescalas Aspeto Comportamental (.56), Estatuto Intelectual e Escolar (.03),

Aparência e Atributos Físicos (.36), Popularidade (.31) e Satisfação e Felicidade (.21). Como tal, neste estudo, estas subescalas não foram incluídas como variáveis de resultados.

Questionário dos Estilos Educativos Parentais revisto (QEEP-r), de Cruz e colaboradores (2018). Caracteriza as percepções dos adolescentes, até aos 18 anos, acerca das dimensões de Autonomia Psicológica, Clima Positivo e Monotorização e/ou Conhecimento dos pais e das mães. Existem duas versões paralelas para pais e para mães, exatamente com os mesmos 15 itens, numa escala Likert de 4 pontos. No presente estudo, os coeficientes de fidelidade foram considerados aceitáveis para a subescala Promoção de Autonomia Psicológica (.82), Clima Positivo (.85) e Monotorização e/ou Conhecimento (.77), sendo todas elas incluídas como variáveis de resultado.

3. Procedimentos de recolha de dados

O presente estudo utiliza dados secundários do projeto REUNIRmais relativos à avaliação de *baseline* dos pais e crianças recrutados no âmbito do projeto entre Novembro de 2019 e Março de 2021. O projeto REUNIRmais consiste num estudo com *design* quase-experimental com vista à avaliação da efetividade de uma intervenção parental com famílias vulneráveis seguidas pela CPCJ (para mais informações sobre o projeto ver Canário et al., 2021). A recolha dos dados apresentados no presente estudo a respeito das famílias do GR foi realizada no âmbito do projeto REUNIRmais.

A recolha de dados do GNR seguiu o método de amostragem por conveniência e bola de neve (Coutinho, 2014). Foram, assim, realizados contactos junto da rede pessoal e profissional da investigadora, e foi estabelecido contacto com instituições e contextos de carácter recreativo, como escolas e grupos de escuteiros. O protocolo de recolha de dados para os pais incluiu 8 questionários, ordenados com os construtos intercalados: Ficha de dados sociodemográficos; SDQ; EA-P; ISP; APQ e o COMPA-P. Para as crianças/adolescentes o protocolo foi constituído por 5 questionários: Ficha de dados sociodemográficos; EA-F; Escala de Autoconceito; QEEP-R e o COMPA-C/COMPA-A.

Os participantes assinaram, também, um consentimento informado no qual constava a apresentação, implicações, garantias de confidencialidade do estudo e anonimato. A participação das crianças e adolescentes foi igualmente consentida pelos seus pais e através de um assentimento escrito assinado por estas. Uma vez que a autorização obtida para a participação das crianças e adolescentes nesta investigação teve também que

ser preenchida pelos pais, optou-se por pedir à criança/adolescente um assentimento escrito para participar. De seguida, foi entregue, a cada um, a ficha de dados sociodemográficos e os respetivos questionários, explicados os seus preenchimentos e esclarecidas as suas dúvidas. No caso das crianças mais novas, com ainda baixa literacia, foram lidas pela investigadora as perguntas para elas preencherem.

A aplicação dos instrumentos ocorreu através das modalidades presenciais e *online*, isto é, os participantes acediam a *links* enviados de forma personalizada e através deles respondiam aos questionários. Esta última opção foi predominantemente escolhida devido à situação pandémica à data das recolhas (2020/2021), bem como à falta de proximidade geográfica e relacional com algumas famílias. A duração de cada aplicação variou entre 45 minutos e 1 hora e 15 minutos.

4. Plano analítico

4.1. Plano Analítico do Objetivo 1

Para a realização da análise das propriedades psicométricas da Escala do Afeto através das análises fatoriais confirmatórias, foi utilizado o software R Studio, concretamente o pacote lavaan versão 0.6-3 (Rosseel, 2012). Obteve-se, em primeiro lugar, a estatística descritiva dos itens. Foi avaliado o padrão de dados omissos e, posteriormente, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias (AFC) para avaliar e comparar o ajustamento da medida da estrutura fatorial proposta por Fuentes e colaboradores (1999). Foi considerado um adequado ajustamento do modelo com base nos seguintes índices: CFI e TLI $\geq .95$, SMRS $\leq .08$ e RMSEA $\leq .06$ (Hooper et al., 2008; Kline, 2016). Quando o ajustamento do modelo se revelou inadequado, foi realizada uma modificação do modelo, permitindo a covariância dos resíduos dos itens quando o índice de modificação fatorial é superior a 10. Além disso, os pesos fatoriais estandardizados inferiores a .40 foram eliminados do modelo (Marôco, 2014). Neste seguimento, a invariância do modelo final foi testada através de uma análise fatorial confirmatória multigrupos de acordo com o critério GR vs. GNR. Fixaram-se os parâmetros entre os grupos e compararam-se os modelos mais restritos com os menos restritos para avaliar a invariância configural, métrica e escalar. A invariância da medida foi avaliada quando a diferença do CFI foi igual ou inferior a .01 e a diferença do RMSEA igual ou inferior a .015 (Cheung, & Rensvold, 2002). De forma a avaliar a validade convergente e discriminante da mesma, realizaram-se

correlações bivariadas de Pearson, respetivamente entre os fatores da Escala do Afeto-r nas suas duas versões, e entre os fatores do SDQ, os fatores do ISP, os fatores do APQ, os fatores do COMPA nas suas três versões, os fatores da Escala de Autoconceito de Pierre-Harris-2 e os fatores do QEEP-r. Estas análises foram realizadas usando o software IBM SPSS versão 26.

4.2. Plano Analítico do Objetivo 2

Os dados foram analisados com recurso ao software IBM SPSS versão 26 para Windows. Os procedimentos estatísticos utilizados incluíram análises de estatística descritiva (médias, desvios-padrão) e foram ainda analisados e assegurados os pressupostos inerentes aos testes estatísticos utilizados, nomeadamente o pressuposto de normalidade e homogeneidade das variâncias (Martins, 2011). Analisou-se a normalidade univariada e multivariada da distribuição dos valores das variáveis, através dos coeficientes de assimetria (Sk) e de curtose (Ku). Assegurou-se, também, a inexistência de *outliers* e, posteriormente, realizaram-se teste *t de Student* para amostras independentes, de forma a avaliar a perceção dos pais e dos filhos quanto ao afeto e comunicação entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR.

Resultados

1. Propriedades psicométricas da *Escala do Afeto* (Fuentes et al., 1999): avaliação das estruturas fatoriais, da invariância da medida comparando as famílias do GR e GNR, e da validade dos construtos

1.1.Resultados preliminares

A estatística descritiva (valores mínimos e máximos, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) dos itens da Escala do Afeto preenchida pelos pais e pelos filhos são apresentadas respetivamente nas Tabelas 2 e 3. Como se verifica nas tabelas, os dados dos pais apresentam problemas de assimetria e de curtose nos itens 5 e 12, enquanto os dados das crianças não apresentam problemas de distribuição. Os dados dos pais apresentam 99.98% de valores completos e 0.02% de valores omissos, sendo a percentagem de valores omissos relativa à ausência de resposta do item 13 por um participante.

Tabela 2

Estatísticas Descritivas por Item da Escala do Afeto – Pais

Item	<i>M</i>	<i>SD</i>	Mínimo-Máximo	Assimetria	Curtose
1	4.69	0.64	2-5	-2.12	3.96
2	4.81	0.52	2-5	-2.93	8.03
3	2.20	0.89	1-5	1.43	2.17
4	4.06	1.00	1-5	-0.94	0.22
5	1.13	0.62	1-5	5.27	27.55
6	4.38	0.84	2-5	-1.27	0.87
7	2.17	1.03	1-5	1.09	0.70
8	4.39	0.84	2-5	-1.38	1.29
9	4.12	1.04	1-5	-1.08	0.40
10	1.80	0.90	1-5	1.53	2.87
11	4.57	0.89	1-5	-2.35	5.13
12	1.13	0.67	1-5	5.39	28.39
13	4.38	0.96	1-5	-1.42	0.96
14	4.12	0.92	1-5	-0.97	0.47
15	1.55	0.72	1-5	1.79	4.75
16	1.49	0.94	1-5	2.25	4.65
17	4.38	0.80	1-5	-1.50	2.59
18	4.75	0.63	2-5	-2.95	8.90
19	4.77	0.55	2-5	-2.77	8.37

Nota. Média (*M*), Desvio Padrão (*SD*), Amplitude, Assimetria e Curtose.

Já os dados das crianças apresentam 99.90% de valores completos e 0.10% de valores omissos, correspondendo a percentagem de valores omissos à ausência de resposta

do item 11 por um participante e dos itens 12, 16, e 19 por outro participante. No total de participantes, os valores omissos variam entre 0% e 0.16% ($M = 0.10\%$, $SD = 0.01\%$).

Tabela 3

Estatísticas Descritivas por Item da Escala do Afeto - Filhos

Item	<i>M</i>	<i>SD</i>	Mínimo-Máximo	Assimetria	Curtose
1	4.7	0.65	1-5	-2.48	6.88
2	4.37	0.94	1-5	-1.5	1.74
3	2.43	1.05	1-5	0.53	0.04
4	3.93	1.05	1-5	-0.96	0.64
5	1.71	1.04	1-5	1.51	1.73
6	4.38	0.93	1-5	-1.61	2.34
7	2.57	1.062	1-5	0.38	-0.12
8	4.47	0.77	1-5	-1.42	1.82
9	3.41	1.34	1-5	-0.37	-1.00
10	1.80	1.03	1-5	1.43	1.72
11	4.24	1.12	1-5	-1.38	0.89
12	1.40	0.88	1-5	2.65	7.02
13	4.23	1.04	1-5	-1.33	1.05
14	3.73	1.13	1-5	-0.48	-0.78
15	1.59	0.92	1-5	1.78	2.99
16	1.70	1.21	1-5	1.67	1.61
17	4.11	0.90	2-5	-0.69	-0.43
18	4.63	0.70	2-5	-1.77	2.10
19	4.50	0.85	1-5	-1.62	1.85

Nota. Média (*M*), Desvio Padrão (*SD*), Amplitude, Assimetria e Curtose.

1.2. Avaliação da Estrutura Fatorial da Escala do Afeto

1.2.1 Escala do Afeto - Pais

Para a escala dos Pais, a estrutura de dois fatores proposta por Bersabé e colaboradores (2001) não revelou um ajustamento adequado aos dados, conforme o apresentado na tabela 4 (Modelo 1). Na tentativa de identificar o melhor ajustamento aos dados, foram realizadas especificações ao modelo (Modelo 2, tabela 4), nomeadamente, foram eliminados os itens com peso fatorial estandardizado inferior a .40 (itens 2,18,19,1,5,12,13,15) e permitida a correlação entre resíduos de três pares de itens dos mesmos fatores, entre os itens 8 e 17, 7 e 16, e 10 e 16. Desse modo, o modelo 2 revelou um bom ajustamento aos dados (Ver anexo 3). Todos os itens apresentam pesos fatoriais elevados que variam entre .51 e .74 para o Fator Afeto-Comunicação e .54 e .72 para o fator Crítica-Rejeição. A correlação entre os fatores é negativa, de magnitude baixa e estatisticamente significativa, $r = -.26$, $p = .01$.

Tabela 4

Índices de Ajustamento das Análises Fatoriais Confirmatórias da Escala de Afeto – Pais

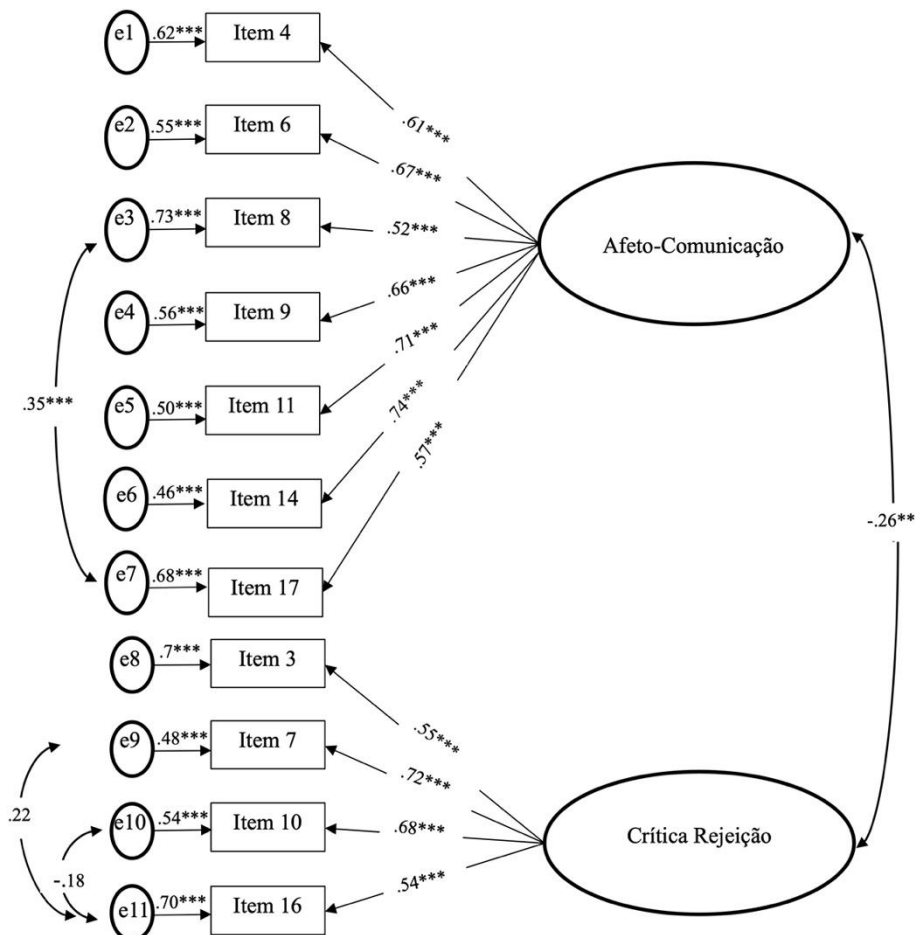
	χ^2 (df)	CFI	TLI	RMSEA	SRMR
Modelo 1	472.76 (151)***	.70	0.66	.11	.11
Modelo 2	59.74(40)***	.97	0.95	.05	.05

Nota. * $p \leq .050$ ** $p \leq .010$ *** $p \leq .001$.

O modelo 2 é apresentado na figura 1, bem como a estrutura fatorial, correlação entre fatores, pesos fatoriais estandardizados, resíduos e correlação entre resíduos. Os itens da versão revista da EA-P são apresentados no Anexo 3.

Figura 1.

Estrutura Fatorial da Escala do Afeto – Pais (modelo 2)



1.2.2. Escala do Afeto - Filhos

Na Escala do Afeto preenchida pelos filhos, a estrutura original de dois fatores não revelou um ajustamento adequado aos dados, conforme o apresentado na tabela 5 (Modelo

1). Foram realizadas especificações ao modelo (Modelo 2, tabela 5), sendo eliminados os itens com peso fatorial estandardizado inferior a .40 (itens 1, 2, 13, e 15) e permitida a correlação entre resíduos dos itens 3 e 10. Desse modo, o modelo 2 revelou um bom ajustamento aos dados (Ver Anexo 4). Todos os itens apresentam pesos fatoriais elevados que variam entre .51 e .80 para o Fator Afeto-Comunicação e .45 e .70 para o fator Crítica-Rejeição. A correlação entre os fatores é negativa, de magnitude elevada e estatisticamente significativa, $r = -.56$, $p < .001$.

Tabela 5

Índices de Ajustamento das Análises Fatoriais Confirmatórias da Escala de Afeto - Filhos

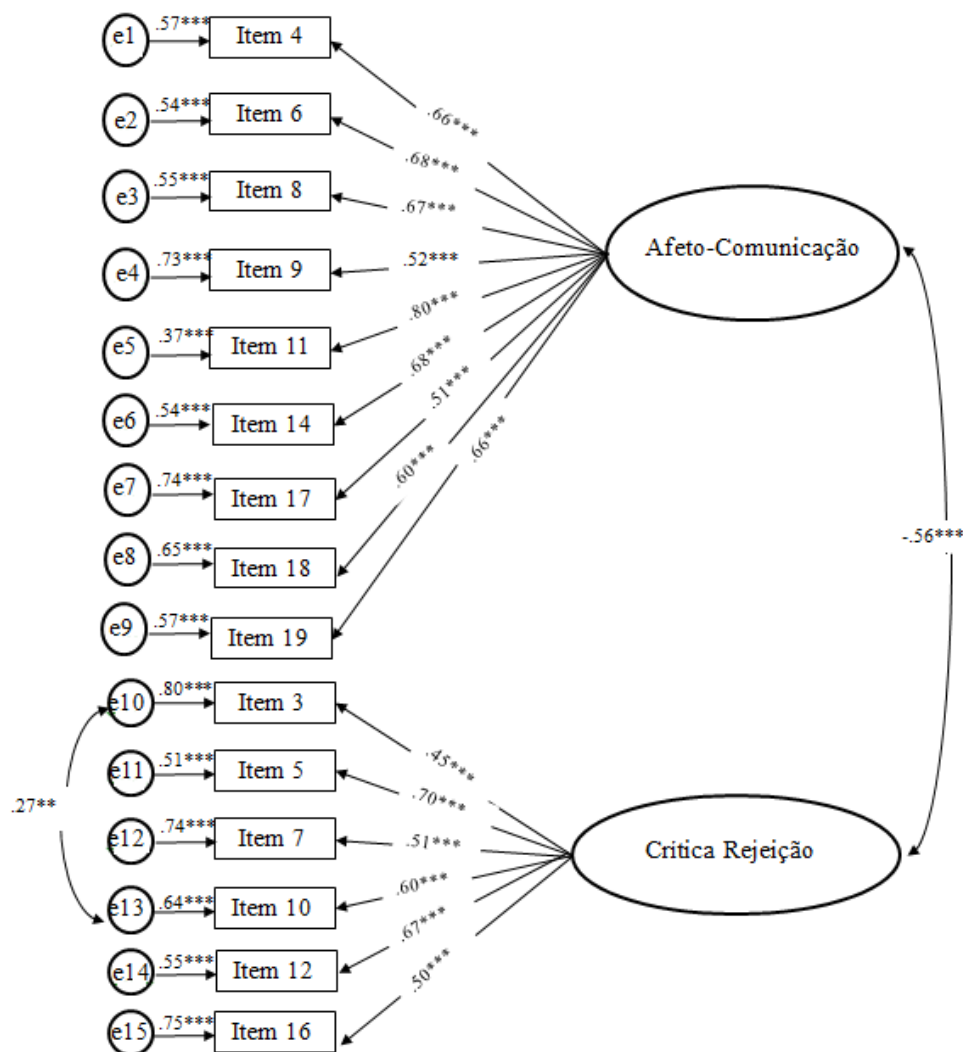
	$\chi^2 (df)$	CFI	TLI	RMSEA	SRMR
Modelo 1	382.28(151)***	.81	0.79	.09	.09
Modelo 2	167.56(88)***	.92	0.90	.07	.06

Nota. * $p \leq .050$ ** $p \leq .010$ *** $p \leq .001$.

O modelo 2 é apresentado na figura 2, assim como a estrutura fatorial, correlação entre fatores, pesos fatoriais estandardizados, resíduos e correlação entre resíduos. Os itens da versão revista da EA-F são apresentados no Anexo 4.

Figura 2

Estrutura Fatorial da Escala do Afeto – Filhos (modelo 2)



1.3. Avaliação da invariância da medida da estrutura fatorial da Escala de Afeto (pais e filhos) comparando os grupos de famílias de Risco e os grupos de famílias de Não-Risco

1.3.1. Escala do Afeto - Pais

Após identificada a estrutura fatorial da Escala do Afeto com um ajustamento adequado aos dados dos pais, foi avaliada a invariância da medida comparando a estrutura fatorial entre pais de crianças do grupo de Risco (GR) e pais de crianças do grupo Não-Risco (GNR). Os resultados revelam a existência de uma invariância configural e invariância métrica, mas não foi identificada invariância escalar (ver tabela 6). Verificados os valores dos *intercept* dos itens apurou-se que os pais do GR apresentam resultados mais elevados nos itens 17 “Demonstro afeto ao meu filho com pequenos detalhes que sei que gosta” do fator Afeto-Comunicação e 7 “O meu filho põe-me nervosa”, 10 “O que o meu filho faz parece-me mal” e 16 “Gostava que o meu filho fosse diferente” do fator Crítica-

Rejeição. Libertadas as restrições dos itens ao nível do *intercept* no modelo, foi possível apurar invariância escalar. Assim, os resultados evidenciam, na comparação multigrupos, que a Escala de Afeto - pais apresenta invariância (fraca) métrica e invariância escalar (forte) parcial. A invariância métrica indica que a contribuição dos itens (peso fatorial estandardizado) para cada fator da escala é equivalente entre os grupos de pais (GR vs. GNR). O facto de não se ter identificado invariância escalar significa que o resultado das variáveis latentes é distinto e não pode ser comparado entre os grupos. No entanto, se as variáveis latentes forem consideradas sem os itens acima descritos cujas, restrições foram libertadas, é possível fazer comparações entre os grupos, uma vez que se obteve invariância escalar parcial.

Tabela 6

Índices de Ajustamento para a Análise Fatorial Confirmatória multigrupos da Escala do Afeto - Pais

<i>Invariância da medida</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA</i>	<i>Comparação de modelos</i>	<i>ΔCFI</i>	<i>ΔRMSEA</i>
Modelo 1: Configural	.96	.05			
Modelo 2: Métrico	.96	.05	2 vs 1	0	0
Modelo 3: Escalar	.90	.07	3 vs 2	.06	-.02
Modelo 4: Escalar Parcial	.95	.06	4 vs 2	-.01	.01

1.3.2. Escala do Afeto - Filhos

Após identificada a estrutura fatorial da Escala do Afeto com um ajustamento adequado aos dados das crianças, foi avaliada a invariância da medida comparando a estrutura fatorial entre crianças do GR e crianças do GNR. Foi identificada invariância configural, mas não foi identificada invariância métrica ou escalar (ver tabela 7). Analisados os pesos fatoriais estandardizados na sua contribuição aos fatores e comparados os grupos, foi possível perceber que os itens 5 “Sinto que sou um estorvo para a minha mãe”, 7 “Ponho a minha mãe nervosa”, 10 “Para a minha mãe tudo o que eu faço está mal” e 12 “A minha mãe fica aborrecida quando está comigo” contribuem para fator Crítica-Rejeição com pesos fatoriais estandardizados mais elevados no GR do que no GNR. Libertadas as restrições dos itens ao nível dos pesos fatoriais estandardizados no modelo, foi então possível apurar invariância métrica parcial.

Verificados os valores dos *intercept* dos itens foi possível apurar que o GR apresenta resultados mais elevados nos itens 16 “A minha mãe gostava que eu fosse diferente” do fator Crítica-Rejeição, enquanto as crianças do GNR apresentavam resultados mais elevados nos itens 4 “A minha mãe dedica-me o seu tempo”, 9 “A minha mãe fala comigo do que eu faço com os meus amigos”, 17 “A minha mãe faz coisas que eu gosto” e 19 “A minha mãe deixa que eu lhe conte as minhas coisas” do fator Afeto-Comunicação. Libertadas as restrições dos itens ao nível do *intercept* no modelo, foi então possível apurar invariância escalar parcial. Assim, os resultados evidenciam na comparação que a Escala de Afeto das crianças apresenta invariância (fraca) métrica parcial, assim como invariância escalar (forte) parcial.

A invariância métrica parcial indica que a contribuição dos itens (peso fatorial estandardizado) não é equivalente entre os grupos de filhos (GR vs. GNR) para o fator Crítica-Rejeição. De facto, os dados parecem apontar no sentido de que as crianças do GR atribuem pontuações mais elevadas aos itens do fator Crítica-Rejeição. No entanto, apesar do resultado de invariância métrica parcial, os dados apontam que a contribuição dos itens para o fator Afeto-Comunicação é equivalente entre os grupos de filhos (GR vs. GNR).

O facto de não se ter identificado invariância escalar significa que o resultado das variáveis latentes é distinto e não pode ser comparado entre os grupos. No entanto, se as variáveis latentes forem consideradas sem os itens cujas restrições foram libertadas ao nível do *intercept*, é possível fazer comparações entre os grupos, uma vez que se obteve invariância escalar parcial.

Tabela 7

Índices de Ajustamento para a Análise Fatorial Confirmatória multigrupos da Escala do Afeto - Filhos

<i>Invariância da medida</i>	<i>CFI</i>	<i>RMSEA</i>	<i>Comparação de modelos</i>	<i>ΔCFI</i>	<i>ΔRMSEA</i>
Modelo 1: Configural	.89	.078			
Modelo 2: Métrico	.85	.087	2 vs 1	-.04	.009
Modelo 3: Métrica parcial	.88	.080	3 vs 1	-.01	.002
Modelo 4: Escalar	.84	.088	4 vs 3	-.04	.008
Modelo 5: Escalar parcial	.87	.079	5 vs 3	-.01	-.001

1.4.Validade dos Construtos indicados pelas Escalas

1.4.1. Escala do Afeto – Pais

Os resultados das correlações bivariadas de Pearson entre os fatores da Escala do Afeto (pais) e os demais construtos avaliados no presente estudo encontram-se detalhadamente apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Correlações Bivariadas de Pearson entre os Fatores das Escala do Afeto revista preenchida pelos Pais, os Fatores do SDQ, os Fatores do ISP, os Fatores do APQ e os Fatores do COMPA-P

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Afeto-Comunicação –EAr	1	-.08	-.17*	.15	.32**	.27**	.52**	-.15	-.44**	-.44**	.41**	.47**
2. Crítica-Rejeição – EAr		1	.39**	-.31**	-.35**	-.47**	-.20*	.02	-.20*	-.01	-.16	-.20*
3. Score Total de Problemas_ SDQ			1	-.37**	-.44**	-.64**	-.15	.04	-.26**	-.13	-.13	-.17*
4. Mal-Estar Parental – ISP				1	.55**	.54**	.16*	-.13	.30*	.17*	.29**	.24**
5. Relação Disfuncional pais-filhos – ISP					1	.71**	.45**	-.26**	.61**	.48**	.53**	.48**
6. Temperamento da Criança – ISP						1	.34**	-.27**	.49**	.24**	.32**	.35**
7. Envolvimento Parental e Parentalidade Positiva – APQ							1	-.22**	.63**	.50**	.56**	.65**
8. Supervisão e Monitorização – APQ								1	-.22**	-.14	-.13	-.21**
9. Expressão Afetiva/Suporte Emocional – COMPA-P									1	.64**	.68**	.71**
10. Metacomunicação – COMPA-P										1	.63**	.64**
11. Partilha/Confiança de Pais para Filho – COMPA-P											1	.63**
12. Partilha/Confiança de filhos para pais – COMPA-P												1

Nota. * $p \leq .050$ ** $p \leq .010$ *** $p \leq .001$.

Os resultados revelam correlações positivas, estatisticamente significativas, de magnitude moderada, entre o fator Afeto-Comunicação (AC) dos pais e as Práticas de Parentalidade Positiva, a Expressão Afetiva/Suporte Emocional, a Metacomunicação, a Partilha/Confiança de Pais para Filhos e de Filhos para Pais, e, ainda, correlações de magnitude baixa, positivas, entre o mesmo fator e a Relação Disfuncional (o resultado mais elevado desta variável indica relação menos disfuncional) e Temperamento difícil (o resultado mais elevado desta variável indica um temperamento menos difícil). Os resultados apontam ainda para uma correlação negativa, de magnitude baixa entre o fator Afeto-Comunicação e o Total de Dificuldades no Comportamento da Criança.

Por outro lado, os resultados evidenciam ainda correlações negativas, estatisticamente significativas, de magnitude fraca a moderada, entre o fator Crítica-Rejeição (CR) dos pais e as suas Práticas de Parentalidade Positiva, a Expressão Afetiva/Suporte Emocional, a Partilha/Confiança de Filhos para Pais, o Mal-estar na Relação (o resultado mais elevado desta variável indica menos mal-estar na relação), a Relação Disfuncional (o resultado mais elevado desta variável indica relação menos disfuncional) e Temperamento Difícil (o resultado mais elevado desta variável indica um temperamento menos difícil). Foi ainda identificada uma correlação positiva, estatisticamente significativa, de magnitude baixa, entre o fator CR e o Total de Dificuldades no Comportamento da Criança.

Os resultados apontam no sentido da validade convergente dos construtos avaliados pela Escala de Afeto- pais, ao se relacionarem com construtos equivalentes avaliados por outras escalas.

1.4.2. Escala do Afeto – Filhos

Os resultados das correlações bivariadas de Pearson entre os fatores da Escala do Afeto (filhos) e os demais construtos avaliados no presente estudo encontram-se detalhadamente apresentados na Tabela 9.

Tabela 9

Correlações Bivariadas de Pearson entre os Fatores das Escala do Afeto Revista preenchida pelos Filhos relativamente à Mãe e ao Pai, os Fatores da Escala de Autoconceito, os Fatores do QEEP-r, os Fatores do COMPA-C e do COMPA-A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. Afeto-Comunicação – EAr	1	-.24**	.07	.47**	.37**	.41**	.60**	.57**	.58**	.47**	-.50**	.45**	.29*
2. Crítica-Rejeição – EAr		1	-.21*	-.13	-.23*	-.13	-.18	-.29**	-.33*	-.28	.56**	-.10	-.06
3. Ansiedade – AC			1	.14	.32**	.12	.36*	-.08	.25	.15	-.24	-.02	.01
4. Promoção de Autonomia Psicológica – QEEPr				1	.54**	.42**	.73**	.54**	.66**	.61**	-.22	.75**	.60**
5. Aceitação / Afeto /Clima Positivo – QEEPr					1	.19	.55**	.50**	.63**	.49**	-.36*	.51**	.50**
6. Monotorização e/ou Conhecimento – QEEPr						1	.63**	.55**	.54**	.49**	-.26	.32*	.428**
7. Disponibilidade Parental – COMPA-A							1	.61**	.75**	.76**	-.42**		
8. Partilha/Confiança de filhos para pais – COMPA-A								1	.71**	.78**	-.45**		
9. Expressão Afetiva/Suporte Emocional – COMPA-A									1	.71**	-.46**		
10. Metacomunicação – COMPA-A										1	-.39**		
11. Padrões Negativos de Comunicação – COMPA-A											1		
12. Disponibilidade dos pais para comunicar com os filhos - COMPA-C												1	.82**
13. Expressão de Afeto e Apoio Emocional – COMPA-C													1

Nota. * $p \leq .050$ ** $p \leq .010$ *** $p \leq .001$.

Relativamente ao fator AC avaliado pelos filhos, os resultados demonstram correlações positivas, estatisticamente significativas, de magnitude moderada a forte, com as percepções dos filhos quanto à Disponibilidade Parental, à Partilha/Confiança de Filhos para Pais, à Expressão Afetiva/Suporte Emocional, à Promoção de Autonomia Psicológica, à Metacomunicação e à Disponibilidade dos Pais para comunicar com os filhos. De igual modo, os resultados demonstram correlações positivas, estatisticamente significativas, de magnitude fraca relativamente às percepções dos filhos quanto ao Clima Positivo na interação com o pai/mãe e à Expressão de Afeto e Apoio Emocional. Há uma correlação negativa, estatisticamente significativa, de magnitude moderada, entre o fator acima indicado e a percepção dos filhos sobre os Padrões Negativos de Comunicação com os pais.

Relativamente ao fator CR avaliado pelos filhos, os resultados demonstram correlações negativas, estatisticamente significativas, de magnitude fraca, com a percepção dos filhos quanto à Ansiedade como característica do autoconceito, ao Clima Positivo na interação com o pai/mãe, à Partilha/Confiança de filhos para pais e à Expressão Afetiva/Suporte Emocional. Por outro lado, uma correlação positiva, estatisticamente significativa, de magnitude moderada, entre o fator CR avaliado pelos filhos e percepção destes sobre os Padrões Negativos de Comunicação com os pais.

Os resultados apontam no sentido de convergência entre os construtos avaliados pela Escala do Afeto - Filhos e outros construtos relacionados avaliados por medidas diferentes, sugerindo assim validade convergente.

2. Avaliação da percepção dos pais e dos filhos quanto ao fator AC entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR

As estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) para os fatores da Escala do Afeto, para pais e filhos, de acordo com os grupos de famílias GR vs. GNR são apresentados na tabela 10, assim como os resultados do teste *t de Student* para amostras independentes e o *d* de Cohen. Os valores dos fatores da Escala de Afeto, para mães e filhos, foram calculados de acordo com os resultados da estrutura fatorial e invariância da medida acima descritos.

Tal como se apresenta na tabela 10, não se verificaram diferenças entre médias a respeito dos fatores Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição da Escala do Afeto revista

preenchida pelas mães. Entre os grupos dos filhos, também não foram identificadas diferenças ao nível dos fatores avaliados pela Escala do Afeto revista.

Tabela 10

Diferenças Multigrupos (GR vs GNR) nos Resultados Médios dos Fatores da Escala do Afeto – Mães e Filhos.

	GR	GNR			
	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	Min – Máx	t (df)	<i>Cohen's d (95% CI)</i>
<i>Mães</i>	(<i>n</i> =103)	(<i>n</i> =57)			
Afeto e Comunicação	4.38 (0.61)	4.33 (0.53)	2.33 – 5	-0.51 (158)	-0.80 (-0.41, -0.24)
Crítica e Rejeição	2.33 (1.02)	2.07 (0.73)	1 – 5	-1.69 (158)	-0.28 (-0.60, 0.05)
<i>Filhos</i>	(<i>n</i> = 103)	(<i>n</i> = 56)			
Afeto e Comunicação	4.31 (0.73)	4.40 (0.62)	2 – 5	0.76 (156)	0.13 (-0.20, -0.45)
Crítica e Rejeição	2.52 (1.15)	2.30 (0.93)	1 – 5	-1.18 (157)	-0.20 (-0.52, 0.13)

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Discussão

O presente estudo teve como finalidade avaliar a percepção dos pais e dos filhos quanto ao Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição entre eles e, em específico, comparando as percepções das famílias do GR, com as percepções das famílias do GNR. Concretamente, o estudo integrou dois objetivos: 1) avaliar as propriedades psicométricas da Escala do Afeto (estrutura fatorial, invariância da medida e validade convergente); e 2) avaliar a percepção dos pais e dos filhos quanto ao afeto e comunicação entre eles, comparando as famílias em função do critério GR vs. GNR. Para tal, participaram neste estudo famílias sinalizadas e seguidas por CPCJ no distrito do Porto com medida de apoio junto dos pais (usando dados secundários do projeto REUNIRmais), bem como famílias recrutadas na comunidade não seguidas pelas CPCJ e sendo, por isso, consideradas famílias sem risco psicossocial associado (GNR).

Este estudo apresenta uma revisão da Escala do Afeto (Escala do Afeto-r) e evidencia as suas propriedades psicométricas. No que diz respeito à versão para pais, o melhor ajustamento do modelo foi identificado para uma estrutura fatorial de dois fatores com uma solução de 11 itens. Na versão para filhos, o melhor ajustamento do modelo foi identificado para uma estrutura fatorial de dois fatores com uma solução de 15 itens. Estes resultados, apesar de integrarem soluções fatoriais com um menor número de itens apresentam uma estrutura fatorial semelhante ao descrito no estudo de Bersabé e colaboradores (2001). Assim, cada uma das versões integra um número de itens diferente, mas o estudo das propriedades psicométricas da Escala do Afeto-r determinou que estes são os suficientes e necessários para avaliar os construtos em questão, tanto por pais como pelos filhos. O facto de a versão para pais apresentar um menor número de itens, pode ser eventualmente justificado pelo facto de se tratarem de adultos, com características de desenvolvimento cognitivo distintas da dos seus filhos, que na amostra do presente estudo abrangeram crianças a adolescentes.

Nos estudos anteriores sobre os estilos parentais nas dimensões do Afeto e da Comunicação, a maior parte dos instrumentos desenvolvidos centrou-se numa etapa particular do desenvolvimento dos filhos, nomeadamente na adolescência, ou não especificando as idades das crianças (pré-escolar, escolar, adolescência) a que são direccionados (Fuentes et al., 1999). A Escala da Afeto-r vem colmatar esta lacuna na investigação anterior, uma vez demonstrou boas propriedades psicométricas numa amostra

que inclui a participação de crianças da faixa etária dos 6 aos 11 anos de idade, ao invés da Escala original, exclusiva para adolescentes.

Os resultados das ACFs demonstram também pesos fatoriais elevados e fiabilidade individual adequada para cada um dos itens das escalas de ambas as versões, bem como uma elevada consistência interna dos fatores das Escalas do Afeto-r (versão pais e versão filhos).

A comparação multigrupos da estrutura fatorial obtida para a Escala do Afeto-r, na versão para pais, identificou invariância métrica e invariância escalar parcial. A invariância escalar parcial significa que o resultado das variáveis latentes é distinto e não pode ser comparado entre os grupos. No entanto, os resultados das variáveis latentes só são comparáveis se não forem incluídos na ponderação do resultado, os itens cujas restrições foram libertadas. Isto porque os participantes do GR tendem a avaliar com pontuações mais elevadas os itens do fator Crítica-Rejeição, bem como um item do fator Afeto-Comunicação.

De igual modo, a comparação multigrupos da estrutura fatorial obtida para a Escala do Afeto-r, na versão para filhos, apenas identificou invariância métrica parcial bem como invariância escalar parcial. Os resultados demonstram que os construtos apenas são comparáveis entre os grupos quando não se incluem na ponderação dos resultados dos construtos, os itens cujas restrições foram libertadas. Tal como observado nos resultados dos pais, os dados parecem apontar no sentido de que as crianças do GR atribuem pontuações mais elevadas aos itens do fator Crítica-Rejeição. Já as crianças do GNR atribuem pontuações mais altas aos itens do fator Afeto-Comunicação.

A diferença na percepção das crianças do GR sobre o fator CR relativamente às crianças do GNR pode estar relacionada com o papel do risco psicossocial presente nas famílias do GR. Os fatores de risco a que as crianças estão expostas no GR, bem como os níveis mais baixos de risco no GNR, moldam a forma como os pais interagem com as crianças, repercutindo-se no seu desenvolvimento (Macedo et al., 2013; Sousa, 2005). Os contextos do GR, em contraste com os do GNR, fornecem diferentes oportunidades às crianças e refletem-se no modo como os pais lidam com eles, afetando a sua percepção sobre a relação com os pais, bem como o bem-estar da família.

Estudos anteriores revelam que em famílias de risco psicossocial, a comunicação afetiva tende a caracterizar-se por baixa empatia e interação, dominada pela pobreza de afetos, negatividade, culpabilização e crítica. Igualmente, podem surgir mais situações de ambivalência e incongruência que acabam por gerar dificuldades em interpretar

adequadamente as mudanças e implicações de uma mensagem, bem como em desenvolver empatia na comunicação. Em situações de conflitos, os sinais comunicativos podem assim ser interpretados como sinais de rejeição ou abandono (Gómez et al., 2007). A nível do afeto, estas famílias descrevem-se por relações afetivas que variam entre extremos, havendo a inexistência de empatia, dominada pela pobreza de afetos, negatividade, culpabilização e crítica constante perante o comportamento dos membros. Para além disto, existe um pensamento muito concreto, inibidor da interpretação de metáforas, dificultando a compreensão das mensagens (Alarcão, 2006; Sousa, 2005; Sousa et al., 2006). Assim, havendo ambientes e padrões de interação distintos nos GR e nos GNR, os construtos da relação avaliados pela escala também o serão.

Os construtos avaliados pela Escala do Afeto-r são convergentes com outros construtos semelhantes avaliados por medidas distintas. De facto, diversos estudos demonstraram que as percepções dos estilos parentais caracterizadas por baixo afeto, crítica e rejeição estão associados a uma série de dificuldades emocionais, psicológicas e interpessoais das crianças e adolescentes (Kim & Miller, 2019). Assim, pode concluir-se que os construtos identificados nos fatores da Escala do Afeto-r, Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição, são equiparáveis a construtos semelhantes descritos na literatura como estando associados (positiva ou negativamente) com o desenvolvimento e/ou ajustamento das crianças e adolescentes (e.g. Floyd, 2006, 2014, 2016, 2019; Hesse & Mikkelson, 2017; Milanez et al., 2019).

Para o segundo objetivo do presente estudo, importa esclarecer que os fatores da Escala do Afeto-r foram calculados considerando os resultados das análises de invariância descritas na secção dos resultados.

Os resultados não revelaram diferenças estatisticamente significativas na escala preenchida pelas mães e pelos filhos em ambos os fatores medidos pela escala. Segundo a literatura, as famílias em situação de risco psicossocial são caracterizadas por uma parentalidade deficitária, com um estilo relacional caótico e uma comunicação afetiva ambivalente em dois extremos (Abreu, 2011; Gómez et al., 2007; Sousa, 2005). Esta quebra de afeto e proteção, que geram a estrutura desorganizada e caótica, na qual as funções de interação e dinâmica parental são implementadas, podem contribuir para o surgimento de problemas na relação (Gómez et al., 2007). No entanto, e apesar disto, é reconhecido que os pais de famílias em risco psicossocial nutrem sentimentos positivos pelos filhos, embora possam revelar menor competência na execução das tarefas e na prestação de cuidados, justificando-se pelo facto de os próprios não possuírem modelos de

referência estáveis e seguros (Sousa & Ribeiro, 2005), o que pode explicar não se terem encontrado diferenças entre os grupos.

Conclusão

Os resultados do presente estudo evidenciam que a Escala do Afeto-r consiste numa medida quantitativa fidedigna para avaliar a percepção da expressão da comunicação afetiva na relação entre pais e filhos. O instrumento parece ser adequado para avaliar os construtos de Afeto-Comunicação e Crítica-Rejeição tanto em crianças de idade escolar, como em adolescentes. No entanto, uma vez que no presente estudo não foram levadas a cabo análises de comparação multigrupos das estruturas fatoriais do instrumento de acordo com a faixa etária, não se pode afirmar que as diferentes faixas etárias efetivamente avaliam os construtos de forma equivalente.

Os resultados demonstraram ainda que os construtos não são avaliados de forma equivalente por participantes provenientes de diferentes contextos e com diferentes graus de exposição ao risco psicossocial. Como tal, estudos futuros devem procurar replicar a estrutura fatorial descrita neste trabalho em diferentes amostras, com diferentes características, replicando as análises de comparação multigrupos em função não só dos contextos e da exposição ao risco psicossocial, mas também das faixas etárias das crianças/adolescentes envolvidos. Outras sugestões para estudos futuros consistem em estudar a Validade de Critério, comparando os seus resultados dos construtos da Escala do Afeto-r com resultados específicos de outros instrumentos, fazendo análises de sensibilidade e de especificidade para determinar os pontos de corte a partir dos quais se deve considerar os valores de AC e CR que merecem atenção clínica.

As limitações do presente estudo integram ainda os constrangimentos impostos pela situação pandémica atual no procedimento de recolha de dados, que impediu a recolha de dados presencial com os participantes do GNR.

As mais-valias deste estudo centram-se no grande número de participantes incluídos na amostra, na comparação entre diferentes grupos de famílias (GR versus GNR), e na caracterização e análise de um grupo de famílias vulnerável (GR) sobre o qual existe pouca literatura disponível, particularmente no contexto nacional.

Os resultados do presente estudo têm implicações diretas na prática de intervenção e na literatura. A Escala do Afeto-r proporciona um valioso suporte como instrumento para intervenções personalizadas com crianças e adolescentes, e respetivos pais, identificando necessidades úteis e/ou particulares para cada membro da família, bem como da própria relação diádicas.

Ainda, os resultados do presente estudo acarretam contributos também para a área da promoção e proteção dos direitos das crianças, salientando a necessidade de uma atenção particular, por parte dos profissionais da área, aos desafios específicos das famílias em risco psicossocial, ressaltando a prioridade do apoio a essas famílias, com principal foco nas necessidades de todos os membros.

Destaca-se também a necessidade de promover intervenções junto dos pais para uma adequação das suas práticas parentais, de forma a torná-las mais ajustadas, nomeadamente ao nível das suas motivações, expectativas e crenças. Em suma, estes resultados podem inspirar uma intervenção clínica e prática com pais focada na promoção do Afeto e da Comunicação e redução do Criticismo na interação dos pais com os seus filhos.

O favorecimento da relação pais-filhos, revelada como essencial ao desenvolvimento de um clima emocional-relacional mais saudável no seio da família e nos subsistemas que esta abarca, torna fundamental o desenvolvimento de trabalhos de investigação na área da eficácia e consciencialização parentais. Assim, o Afeto e a Comunicação entre pais e filhos revelam-se de extrema importância para o adequado funcionamento e desenvolvimento das crianças, de ulterior relevância na garantia dos direitos fundamentais da Criança e no bem-estar das suas famílias.

Referências bibliográficas

- Abidin, R. (1995). *Parenting Stress Index* (3^a ed.). Psychological Assessment Resources.
- Abreu, J. (2011). *Reflexões em torno do conceito famílias multiproblemáticas: a visão do contexto escolar e dos professores sobre a crescente problematização das famílias e suas implicações*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Repositório da Universidade Minho.
- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 89-102. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100009>
- Bersabé, R., Fuentes, M., & Motrico, E. (2001). Análisis psicométrico de dos escalas para evaluar estilos educativos parentales. *Psicothema*, 13(4), 678-684. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72713422>
- Borsa, J., Damásio, B., & Bandeira, D. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Bowlby, J. (1979). The Bowlby-Ainsworth attachment theory. *Behavioral and Brain Sciences*, 2(04), 637–638. <https://doi.org/10.1017/s0140525x00064955>
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723–742. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.22.6.723>
- Bueno, M., Meincke, S., Schwartz, E., Soares, M., & Corrêa, A. (2012). Paternidade na adolescência: a família como rede social de apoio. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21 (2), 3013-319. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200008>
- Canário, C., Abreu-Lima, I., Lemos, M.S., Henriques, M., Barbosa-Ducharme, M., Pacheco, A., & Cruz, O. (2021). Family reunification success after child institutionalization: *Testing the effectiveness of a positive parenting intervention*. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/A53BJ>
- Cheung, G., & Rensvold, R. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 9, 233-255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5

- Cole, S. (2014). Human social genomics. *PLoS Genetics*, 10 (8).
<https://doi.org/10.1371/journal.pgen.1004601>
- Costa, M., Cavalcante, L., & Costa, E. (2021). Parents' work and children's development in the context of the COVID-19 Pandemic: A bioecological view. *Research, Society and Development*, 10(10). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18730>
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cruz, O. (2005). Parentalidade. *Coimbra: Quarteto*.
- Cruz, O., Canário, C., & Barbosa-Ducharme, M. (2018). Questionário de Estilos Educativos Parentais revisto (QEEP-r): Estudo psicométrico e análise da invariância da medida para mães e pais. *Análise Psicológica*, 36(3), 383-397.
<http://dx.doi.org/10.14417/ap.1453>
- De la Torre, M., Casanova, P., García, M., Carpio, M., & Cerezo, M. (2011). Estilos educativos paternos y estrés en estudiantes de educación secundaria obligatoria. *Psicología Conductual*, 19(3), 577-590.
- Ellis, K. (2002). Perceived parental confirmation: Development and validation of an instrument. *Southern Journal of Communication*, 67(4), 319-334.
<https://doi.org/10.1080/10417940209373242>
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). *Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Por)* [Strengths and Difficulties Questionnaire, Portuguese Version]. <https://www.sdqinfo.org/>
- Floyd, K. (2006). *Communicating affection: Interpersonal behavior and social context*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Floyd, K. (2014). Relational and health correlates of affection deprivation. *Western Journal of Communication*, 78, 383–403. <https://doi:10.1080/10570314.2014.92707>
- Floyd, K. (2016). Affection deprivation is associated with physical pain and poor sleep quality. *Communication Studies*, 67, 379–398.
<https://doi:10.1080/10510974.2016.1205641>
- Floyd, K. (2019). *Affectionate communication in close relationships*. Cambridge University Press.
- Floyd, K., & Morman, M. (2000). Affection received from fathers as a predictor of men's affection with their own sons: Tests of the modeling and compensation hypotheses. *Communication Monographs*, 67, 347–361.
<https://doi.org/10.1080/03637750009376516>

- Floyd, K., & Morman, M. (2003). Human affection exchange: II. Affectionate communication in father-son relationships. *The Journal of Social Psychology*, 143(5), 599-612. <https://doi.org/10.1080/00224540309598466>
- Floyd, K., Hess, J., Miczo, L., Halone, K., Mikkelsen, A., & Tusing, K. (2005). Human Affection Exchange: VIII. Further Evidence of the Benefits of Expressed Affection. *Communication Quarterly*, 53(3), 285–303. <https://doi.org/10.1080/01463370500101071>
- Fosco, G., & Feinberg, M. (2018). Interparental conflict and long-term adolescent substance use trajectories: The role of adolescent threat appraisals. *Journal of Family Psychology*, 32(2), 175-185. <https://doi.org/10.1037/fam0000356>
- Frick, P. (1991). *The Alabama Parenting Questionnaire*. Unpublished rating scale, University of Alabama.
- Fuentes, M., Motrico, E., & Bersabé, R. (1999). Escala de Afecto (EA): Versión hijos y versión padres. *Universidad de Málaga: Manuscrito sin publicar*.
- Gallarín, M., & Alonso-Arbiol, I. (2012). Parenting practices, parental attachment and aggressiveness in adolescence: A predictive model. *Journal of Adolescence*, 35, 1601-1610. <https://doi:10.1016/j.adolescence.2012.07.002>
- Gomes, A., & Melchiori, L. (2012). *A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea*. São Paulo: UNESP.
- Gómez, E., Muñoz, M., & Haz, A. (2007). Familias multiproblemáticas y en riesgo social: características e intervención. *Psykhé (Santiago)*, 16(2), 43-54. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22282007000200004>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38(5), 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>
- Hesse, C., & Mikkelsen, A. (2017). Affection deprivation in romantic relationships. *Communication Quarterly*, 65, 20–38. <https://doi.org/10.1080/01463373.2016.1176942>
- Hesse, C., Floyd, K., Rains, S., Mikkelsen, A., Pauley, P., Woo, N., Custer, B., & Duncan, K. (2021). Affectionate communication and health: A meta-analysis. *Communication Monographs*, 88(2), 194-218. <https://doi.org/10.1080/03637751.2020.1805480>
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 6, 53-60. <https://arrow.dit.ie/buschmanart/2/>

- International Test Commission. (2017). *The International Test Commission guidelines for Translating and Adapting Tests (Second edition)*. <https://www.intestcom.org/page/14>
- Kim, H., & Miller, L. (2019). Are insecure attachment styles related to risky sexual behavior? A meta-analysis. *Health Psychology*, 39 (1), 46–57. <https://doi.org/10.1037/hea0000821>
- Kline, R. (2016). *Methodology in the social sciences. Principles and practice of structural equation modeling (4th ed.)*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Koerner, A., & Fitzpatrick, M. (2002). Toward a Theory of Family Communication. *Communication Theory*, 12(1), 70–91. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2002.tb00260.x>
- Macedo, C., Nunes, C., Costa, D., Nunes, L., & Lemos, I. (2013). Apoio social, acontecimentos stressantes, adaptabilidade e coesão em famílias em risco psicossocial. *Psicologia, saúde & doenças*, 14(2), 304-312. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36227023007>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações (2^a ed.)*. Cafilesa: Lisboa.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS - Saber decidir, Fazer, Interpretar e Redigir*. Braga: Candeias Artes Gráficas.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2020). Applications of attachment theory and research: The blossoming of relationship science. *Applications of Social Psychology*, 187-206.
- Milanez, C., Córdova, Z., Castro, A., & Fraga, C. (2019). Family functioning in the emotional and psychological health of children and adolescents. *REVISTA DE PSICOLOGIA*, 13(47), 1-16. <http://dx.doi.org/10.14295/online.v13i47.1905>
- Millar, F., & Rogers, L. (1976). *A relational approach to interpersonal communication*. In G. R. Miller (Ed.), *Explorations in interpersonal communication*.
- Mosmann, C., Costa, C., Einsfeld, P., Silva, A., & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 487-498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C., Costa, C., Silva, A., & Luz, S. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: Papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Temas em Psicologia*, 26(1), 429-442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17>
- Nogueira, S., Santos, M., Canário, C., Ferreira, T., Abreu-Lima, I., Cardoso, C., & Cruz, O. (2019). Psychometric properties of the Portuguese version of the Alabama

- Parenting Questionnaire parent form. *European Journal of Developmental Psychology*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/17405629.2019.1686972>
- Özdemir, Y., Vazsonyi, A., & Çok, F. (2013). Parenting processes and aggression: The role of self-control among Turkish adolescents. *Journal of Adolescence*, 36, 65–77. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.09.004>
- Paraventi, L., Bittencourt, I., Schulz, M., De Souza, C., Bueno, R., & Vieira, M. (2017). A percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna de abertura ao mundo. *Psico*, 48(1), 1. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2017.1.24057>
- Petrowski, K., Brahler, E., Kliem, S., Ritzka, D., & Zenger, M. (2020). Recalled parental rearing style, self-esteem, and psychopathological symptoms in the general population. *PSIHOLOGIJA*, 53 (1), 1–19. <https://doi.org/10.2298/PSI180901010P>
- Piers, V., & Herzberg, S. (2002). *Piers-Harris 2: Piers-Harris children's self-concept scale* (2.^aEd). Wilshire Boulevard, C.A: Western Psychological Services.
- Pires, S., Matos, A., Cerqueira, M., Figueiredo, D. & Sousa, L. (2004). Retratos da vida das famílias multiproblematizadas. *Revista Serviço Social & Sociedade*, 80, 5–32.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e Validação de uma Medida da Comunicação Parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85–103. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79929780007>
- Queen, A., Stewart, L., Ehrenreich-May, J., & Pincus, D. (2013). Mothers' and fathers' ratings of family relationship quality: Associations with preadolescent and adolescent anxiety and depressive symptoms in a clinical sample. *Child Psychiatry and Human Development*, 44(3), 351–360. <https://doi.org/10.1007/s10578-012-0329-7>
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1–36. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i02>
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Afrontamento.
- Santos, S. (Outubro, 2008). Forma reduzida do Parenting Stresse Index (PSI): Estudo Preliminar. *XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos, Universidade do Minho*.
- Schrodt, P., Ledbetter, A., & Ohrt, J. (2007). Parental confirmation and affection as mediators of family communication patterns and children's mental well-being. *The Journal of Family Communication*, 7(1), 23–46. <https://doi.org/10.1080/15267430709336667>

- Sousa, L. (2005). Famílias Multiproblemáticas (1.ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., & Eusébio, C. (2005). When multi-problem poor individuals' values meet practitioners' values!. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15(5), 353–367. <https://doi.org/10.1002/casp.835>
- Sousa, L., & Ribeiro C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19(1/2), 169-191. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v19i1/2.402>
- Teixeira, M., Oliveira, A., & Wottrich, S. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433–441. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300012>
- Veiga, F. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Psicologia e Educação*, 5(1), 39-48.

Anexos

Anexo 1

Escala do Afeto – Versão preenchida pelos Pais

ID: _____ | Data: _____ | Momento de avaliação: ____ | Avaliador: ____

Instruções: As páginas seguintes contêm uma lista de comportamentos que os pais podem apresentar quando interagem com os seus filhos. As perguntas têm por objetivo medir quantas vezes você apresenta certos comportamentos com o seu filho.

	Nunca	De vez em quando	A maior parte das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Aceito o meu filho tal como é.	①	②	③	④	⑤
2. Se o meu filho tem um problema pode contar-me.	①	②	③	④	⑤
3. Fico irritada por qualquer coisa que o meu filho faça.	①	②	③	④	⑤
4. Dedico tempo ao meu filho.	①	②	③	④	⑤
5. O meu filho é um estorvo para mim.	①	②	③	④	⑤
6. Falo com o meu filho sobre os assuntos que são importantes para ele.	①	②	③	④	⑤
7. O meu filho põe-me nervosa.	①	②	③	④	⑤
8. Sou carinhosa com o meu filho.	①	②	③	④	⑤
9. Falo com o meu filho sobre o que faz com os amigos.	①	②	③	④	⑤
10. O que o meu filho faz parece-me mal.	①	②	③	④	⑤
11. Consolo o meu filho quando está triste.	①	②	③	④	⑤
12. Quando tenho de estar com o meu filho estou contrariada.	①	②	③	④	⑤
13. Confio no meu filho.	①	②	③	④	⑤
14. Dedico tempo a falar com o meu filho.	①	②	③	④	⑤
15. Critico o meu filho por qualquer coisa.	①	②	③	④	⑤
16. Gostava que o meu filho fosse diferente.	①	②	③	④	⑤
17. Demonstro afeto ao meu filho com pequenos detalhes que sei que gosta.	①	②	③	④	⑤
18. O meu filho pode contar comigo quando me pede.	①	②	③	④	⑤
19. Dou confiança ao meu filho para que me conte as suas coisas.	①	②	③	④	⑤

Anexo 2

Escala do Afeto – Versão preenchida pelos Filhos

ID: _____ | Data: _____ | Momento de avaliação: ____ | Avaliador: ____

Instruções: As páginas seguintes contêm uma lista de comportamentos que os pais podem apresentar quando interagem com os seus filhos. Assim, as perguntas têm por objetivo medir quantas vezes os teus pais apresentam certos comportamentos contigo.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. A minha mãe/ O meu pai gosta de mim como eu sou.	①	②	③	④	⑤
2. Se tenho um problema posso contar à minha mãe/ ao meu pai.	①	②	③	④	⑤
3. A minha mãe/ o meu pai zanga-se comigo por tudo o que faço. (Nota: A minha mãe/ o meu pai irrita-se comigo)	①	②	③	④	⑤
4. A minha mãe/ O meu pai dedica-me o seu tempo.	①	②	③	④	⑤
5. Sinto que sou um estorvo para a minha mãe/ o meu pai.	①	②	③	④	⑤
6. A minha mãe/ O meu pai fala comigo de coisas que são importantes para mim.	①	②	③	④	⑤
7. Ponho a minha mãe/ o meu pai nervosa/o.	①	②	③	④	⑤
8. A minha mãe/ O meu pai é carinhosa/o comigo.	①	②	③	④	⑤
9. A minha mãe/ O meu pai fala comigo do que eu faço com os meus amigos.	①	②	③	④	⑤
10. Para a minha mãe/ Para o meu pai tudo o que eu faço está mal.	①	②	③	④	⑤
11. A minha mãe/ O meu pai dá-me mimos quando estou triste.	①	②	③	④	⑤
12. A minha mãe/ O meu pai fica aborrecido quando está comigo.	①	②	③	④	⑤
13. A minha mãe/ O meu pai confia em mim.	①	②	③	④	⑤
14. A minha mãe/ O meu pai passa tempo a conversar comigo.	①	②	③	④	⑤
15. A minha mãe/ O meu pai critica-me por tudo.	①	②	③	④	⑤
16. A minha mãe/ O meu pai gostava que eu fosse diferente.	①	②	③	④	⑤
17. A minha mãe/ O meu pai faz coisas que eu gosto.	①	②	③	④	⑤
18. Posso sempre contar com a minha mãe/ o meu pai, quando lhe peço ajuda.	①	②	③	④	⑤
19. A minha mãe/ O meu pai deixa que eu lhe conte as minhas coisas.	①	②	③	④	⑤

Anexo 3

Itens da Escala do Afeto Revista – Versão preenchida pelos Pais

ID: _____ | Data: _____ | Momento de avaliação: _____ | Avaliador: _____

Instruções: As páginas seguintes contêm uma lista de comportamentos que os pais podem apresentar quando interagem com os seus filhos. As perguntas têm por objetivo medir quantas vezes você apresenta certos comportamentos com o seu filho.

Itens da Escala Original	Itens da Escala Revista		Nunca	De vez em quando	A maior parte das vezes	Muitas vezes	Sempre
3.	1.	Fico irritada por qualquer coisa que o meu filho faça.	①	②	③	④	⑤
4.	2.	Dedico tempo ao meu filho.	①	②	③	④	⑤
6.	3.	Falo com o meu filho sobre os assuntos que são importantes para ele.	①	②	③	④	⑤
7.	4.	O meu filho põe-me nervosa.	①	②	③	④	⑤
8.	5.	Sou carinhosa com o meu filho.	①	②	③	④	⑤
9.	6.	Falo com o meu filho sobre o que faz com os amigos.	①	②	③	④	⑤
10.	7.	O que o meu filho faz parece-me mal.	①	②	③	④	⑤
11.	8.	Consolo o meu filho quando está triste.	①	②	③	④	⑤
14.	9.	Dedico tempo a falar com o meu filho.	①	②	③	④	⑤
16.	10.	Gostava que o meu filho fosse diferente.	①	②	③	④	⑤
17.	11.	Demonstro afeto ao meu filho com pequenos detalhes que sei que gosta.	①	②	③	④	⑤

Anexo 4

Itens da Escala do Afeto Revista – Versão preenchida pelos Filhos

ID: _____ | Data: _____ | Momento de avaliação: _____ | Avaliador: _____

Instruções: As páginas seguintes contêm uma lista de comportamentos que os pais podem apresentar quando interagem com os seus filhos. Assim, as perguntas têm por objetivo medir quantas vezes os teus pais apresentam certos comportamentos contigo.

Itens da Escala Original	Itens da Escala Revista		Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
3.	1.	A minha mãe/ O meu pai zanga-se comigo por tudo o que faço. (Nota: A minha mãe/ O meu pai irrita-se comigo)	①	②	③	④	⑤
4.	2.	A minha mãe/ O meu pai dedica-me o seu tempo.	①	②	③	④	⑤
5.	3.	Sinto que sou um estorvo para a minha mãe/ o meu pai.	①	②	③	④	⑤
6.	4.	A minha mãe/ O meu pai fala comigo de coisas que são importantes para mim.	①	②	③	④	⑤
7.	5.	Ponho a minha mãe/o meu pai nervosa/o.	①	②	③	④	⑤
8.	6.	A minha mãe/ O meu pai é carinhosa/o comigo.	①	②	③	④	⑤
9.	7.	A minha mãe/ O meu pai fala comigo do que eu faço com os meus amigos.	①	②	③	④	⑤
10.	8.	Para a minha mãe/ o meu pai tudo o que eu faço está mal.	①	②	③	④	⑤
11.	9.	A minha mãe/ O meu pai dá-me mimos quando estou triste.	①	②	③	④	⑤
12.	10.	A minha mãe/ O meu pai fica aborrecida/o quando está comigo.	①	②	③	④	⑤
14.	11.	A minha mãe/ O meu pai passa tempo a conversar comigo.	①	②	③	④	⑤
16.	12.	A minha mãe/ O meu pai gostava que eu fosse diferente.	①	②	③	④	⑤
17.	13.	A minha mãe/ O meu pai faz coisas que eu gosto.	①	②	③	④	⑤
18.	14.	Posso sempre contar com a minha mãe/ o meu pai, quando lhe peço ajuda.	①	②	③	④	⑤
19.	15.	A minha mãe/ O meu pai deixa que eu lhe conte as minhas coisas.	①	②	③	④	⑤